

MULHERIO

ANO VII Nº 33 — NOV. 1987 — SÃO PAULO — BRASIL CZ\$ 50,00

***Bienal volta
à cena,
com público garantido***

pgs. 12 e 13

***Conheça
a história de três
atrizes famosas***

pg. 14

***Reportagem de
Germaine Greer:
a luta pela terra no
Brasil***

pgs. 10 e 11



PONTOS DE VENDA

DISTRITO FEDERAL
Delzezi Ribeiro: SDS Edifício Miguel Bardi, sala 402, fone 10611 226-0482. Brasília.

LIVRARIAS:
Sótiler: Conj. Nacional Residência: SDS B1 E lojas 11/15 UNB Nossa Livraria: Campus Universitário

BANCAS:
Rodoviária: Plataforma da Rodoviária

GOIÁS
Cevam: Av. T-1, 2.078 setor Bueno Goiânia

MINAS GERAIS
Espaço Cultural Livros e Artes: Rua São João, 367, fone 10321 211-2029, Juiz de Fora.

MATO GROSSO DO SUL
Regina Arakaki: Rua Rui Barbosa, 2.324, fone 10671 382-0642, Campo Grande.

PARÁ
Jane Beltrão: 10911 229-6336, Belém.

PARANÁ
Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Nova Iguaçu, 624, fone 10411 23-3562, Curitiba.

PERNAMBUCO
Wilma Leissa: fone 10811 24-0585.

RIO DE JANEIRO
Dalcibao Livraria: Rua Visconde de Pirajá, 571-B, Travessa do Ovidor, 11, Rio de Janeiro.

RIO GRANDE DO SUL
Distribuidor: Marco Amaral, Pça. Rui Barbosa, 39, sala 6, fone 15121 26-9747, Porto Alegre.

Banca Vera Cruz: Praça da Allandéga.

LIVRARIAS
Graphis, Livraria Café: Rua Tomás Flores, 340.

Livraria CAEE/urssg: Av. Paulo Gama, s/n°.

Livraria Autores Nossos: Av. Erico Venissimo, Centro Municipal de Cultura.

Livraria Adeli Sell: Rua Gal. Vitorino, 140, sala 27.

Livraria Arcano 17: Av.

Protázio Alves, 1.138. Livraria Mercado Aberto: Rua Riquelme, 1.291.

Livraria Mercado Aberto: Rua da Conceição, 205. Livraria Palmanna: Rua Gal. Vitorino, 140, 1º andar.

Livraria Prosa e Verso: Rua Mostardão, 120, loja 4. Livraria Terceiro Mundo: Rua Gal. Vitorino, 129, sala 21.

SANTA CATARINA
Ana Lúcia Gomes Medeiros: Cidade Universitária, caixa postal 5060, Florianópolis.

SÃO PAULO
Trans-entrega Maciel: R. Frei Santana Galvão, 26, Ponte Pequena.

Carla Berro (assinatura): R. Martins Fontes, 268 apto 302. BANCAS

Na capital Mulher é encontrado em todas as bancas onde se vende Jornal do Brasil.

LIVRARIAS
Belas Artes: Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

Brasiliense: Rua Oscar Freire, 561, São Paulo.

Livraria Brasileira: Rua Augusta, 2.345, São Paulo.

Centro da Prosa: Rua Simão Álvares, 45, São Paulo.

Capitu: Rua Pinheiros, 339, São Paulo.

Da Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

Litteris: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264, São Paulo.

Litteris: Bar Avenida, Av. Pedrosa de Moraes, 1.030, São Paulo.

CAMPINAS
Mara Alice Paes: fone 101921 43-3267.

TAUBATÉ
Aparicida Fátima da Silva Ferreira: R. Antero Ferreira da Silva, 28 - Vila São Geraldo.

Arte: Eliana Kestenbaum, Marco Iridi, Projeto Gráfico: Jaime Prades; Administração e Finanças: Mônica Boudayé; Assistente: Maria Tereza de Lima; Distribuição e Divulgação: Susana Beatriz Meza Henke; Assinaturas e Expedição: Helena Maria Moreira.

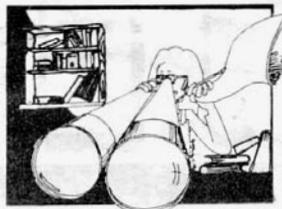
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte.

Mulher é publicado pelo Núcleo de Comunicações Mulherio, associação civil sem fins lucrativos, com apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ. Redação e administração à Rua Cúnia Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone 10111 212-9052.

Composição, Fotolito e Impressão: Cia. Editora Jorúés, Rua Arthur Azevedo, 1977, telefone: 815-4999.

Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.

AMNLAE
Manágua, Nicarágua
Libre



Camponesas da Tanzânia

Estou comunicando o lançamento do meu filme *Kumekucha* (From Sun up). *Kumekucha* é uma palavra kiswahili que significa "é madrugada", mas, para algumas mulheres, quer dizer "Oh Deus, é manhã novamente, a luta continua". O filme descreve não apenas os problemas que as camponesas da Tanzânia enfrentam, mas sua determinação em superá-los. Serve como um meio para as mulheres falarem de si mesmas e proporciona uma base para discussões entre as pessoas ligadas às questões femininas. As interessadas em adquirir uma cópia em 16mm ou vídeo podem me escrever. Cópias complementares estarão disponíveis para os grupos interessados em divulgar o filme em publicações ou para audiências, seminários, conferências etc. Qualquer crítica construtiva a respeito do filme será bem-vinda.

Dicas para livro

Estou escrevendo para pedir ajuda para a pesquisa de um livro que pretendo escrever. *Spinners and Weavers: an anthology of folklore in the oral tradition of women*, uma antologia global de contos folclóricos por mulheres, entremeados de depoimentos selecionados de contadores de estórias ou mulheres que se lembrem deles. O livro será organizado regionalmente, com países representando a Ásia, África, Europa, Oriente, América Latina, Caribe e Estados Unidos. Ficaria muito grata por qualquer referência que me for enviada.

Elayne Clift
11320 Rouen Drive
Potomac, Maryland
20852 USA

Uma Análise

Por ter estado apenas na 1ª Jornada Contra a Discriminação à Mulher, senti necessidade do que mais vivi até hoje no movimento feminista: da descontração e do deixar falar independente das amarras partidárias. Coisa possível no 9º Encontro Nacional Feminista de Garanhuns. Senti-me revitalizada em motivação com a análise de Rachel Moreno e cobertura do evento publicados no *Mulherio* n° 33. Entendo que popularizar o movimento implica em crescer também para enfrentar a velha questão da luta específica e geral. Mas é na troca popular que a fala feminista cresce no ritmo de sua necessidade. O diálogo institucionalização e autonomia é importante para estabelecermos um elo entre esse movimento que cresce para os lados e enche ruas e suas formas de representação que não devem ser camisas de força. No mais, parabênzo a última edição do *Mulherio*, mostrando de corpo inteiro as mulheres e o feminismo no Brasil.

Eva Ganc
Rio de Janeiro, RJ

Emancipação na Nicarágua

Com a "Proclamação de 8 de Marzo", a Associação de Mulheres Nicaraguenses Luisa Amanda Espinoza (AMNLAE) pretende por em prática estratégias que apontem a solução dos problemas específicos da mulher, que estão impedindo sua incorporação nas tarefas fundamentais da Revolução Sandinista; na medida em que estes problemas se identificam com o setor social, estamos avançando na emancipação da mulher. Atualmente, nos preparamos para celebrar o oitavo aniversário de nossa Revolução, com a participação de contingentes de mulheres que prestaram serviço militar voluntário nas zonas de guerra.

A nível nacional, estamos trabalhando na elaboração de um plano massivo de propaganda contra a violência física às mulheres para criar uma atitude de repúdio na sociedade a este tipo de prática. O Ministério da Educação, em conjunto com todas as organizações de massa e a AMNLAE, formará uma Comissão Nacional, que elaborará a proposta de um programa a implementar-se nas escolas de 1º e 2º graus sobre Educação Sexual. E como parte dos preparativos para o 10º Aniversário da Associação a AMNLAE realizou uma feira da mulher em agosto.



Grupos Feministas

Gostaria de saber o endereço de alguns grupos que desenvolvam trabalhos feministas em São Paulo.

Cristina Gouveia

São Paulo, SP

Mulherio responde:

Casa da Mulher do Grajaú
Rua José Bezerra Filho, 183, Grajaú

Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde
Rua Baltazar Carrasco, 89, Pinheiros

Pró-Mulher
Rua Santo Antonio, 1048, Bela Vista

União de Mulheres
Rua Coração de Europa, 1395, Bela Vista

Flora M'bugu-Schelling
PO Box 3616
Dar es Salaam
Tanzania

Boa leitura

Faço o curso de Ciências Sociais e, lendo o *Mulherio*, me deparei com assuntos muito enriquecedores, atuais e próprios para o cultivo de uma boa leitura em termos de realidade.

Jane Maria Martins Barreto
Florianópolis, SC

PARA FORA



MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman Bianco (Unicamp, SP/Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fátima Jordão (pesquisadora, SP); Fúvia Rosemberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloísa Buarque de Holanda (UFRRJ/Stanford University, USA); Lúcia Castello Branco (ensaísta, MG); Maria Lúcia de Barros Mott (historiadora, SP); Mariângela Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Marlyse Meyer (Unicamp, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

Editora-responsável: Inês Castilho (MTb 17.504). **Editora:** Santamaria Silveira (MTb 13.517). **Repórteres/Redatoras:** Laurimar Coelho e Paula Mageste; **Secretária de Redação:** Tania Cristina Vieira de Paulo.

PROSTITUIÇÃO



Dinafr. Caudher Ag. JB

INÊS CASTILHO

Pela primeira vez no Brasil, mais de cinquenta prostitutas de quatorze Estados se reuniram em julho durante três dias num encontro nacional realizado no Centro de Artes Caloute Gulbekian, Rio de Janeiro. Denunciaram a violência policial, discutiram problemas de saúde, educação e sexualidade, buscaram formas de organização e

autodefesa. Sob o tema *Prostituição e Cidadania*, elas deram início a um movimento organizado pelo seu reconhecimento como categoria profissional, enfrentando arraigados preconceitos morais e religiosos. São prostitutas do baixo meretrício, da grande zona em que se tornou o Brasil. Sementes de uma rede, como diz Gabriela Silva Leite, sua idealizadora, que de volta às suas

idades aceleram o trabalho de organização das prostitutas em grupos e associações, com vistas a uma associação nacional. Sem direito a férias, 13.º salário, e mesmo aos péssimos serviços da Previdência Social, elas se distinguem das outras trabalhadoras brasileiras, principalmente por não terem seu trabalho reconhecido. Nisso se aproximam das empregadas domésticas, sua

quase exclusiva alternativa profissional, que compõem 20% da população feminina economicamente ativa. Elas, quantas serão? Que serviço prestam à sociedade, moldando no dia-a-dia uma identidade que querem agora conhecer e ver reconhecida? A partir daí tudo é pergunta na prostituição. É história a ser escavada no corpo social, desde o sexo feminino.



Gabriela é o "nome de guerra" de Otilia Silva Leite, 36 anos, mãe de um garoto de 8 que vive em São Paulo com a madrinha, depois de uma briga na Justiça com o pai pela posse da criança. Estudante de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, em 1978, ela acumulava os estudos com a vida de secretária, desempregada há cinco meses, quando resolveu se aproximar da prostituição: "Eu precisava entender como funcionava esse mundo."

Pouco afeita ao ambiente das boates da Boca do Lixo, acabou indo trabalhar na Boca do Lixo, ponto do baixo meretrício. O que aconteceu a partir daí tem declarado publicamente, em inúmeras entrevistas à imprensa, desde 83, quando falou, ao Pasquim: "Gosto de ser prostituta."

Gabriela lembra o clima dos tempos em que trocou o 2º ano de Sociologia pela prostituição:

— Eu nasci na classe média baixa paulista, filha de um comerciante boêmio e uma dona-de-casa conservadora. Fui para a universidade na década de 70, período em que a esquerda tinha duas preocupações: derrubar a ditadura e participar da revolução sexual que soprava do mundo desenvolvido. Vinha de uma educação em que as meninas tinham que se casar virgens, sob pena de expulsão de casa. Quando a poeira baixou, todo mundo da esquerda ficou sem rumo, quebrado, com a bandeira da vanguarda na mão.

Como secretária ela ganhava três salários mínimos por mês. No primeiro dia de prostituição ganhou quase isso.

— Eu, que tinha vergonha de tirar roupa pra homem, de acender a luz. No 134, na Rua Barão de Limeira, via aquelas mulheres nuas ou só com uma toalha em volta do corpo, se lavando, os homens do lado fazendo xixi. Ouvia chocada elas dizerem, voltando pra porta do quarto: ah, gozei tanto que estou com a perna bamba. Tinha absoluta fixação em tudo aquilo. Aí comecei a conversar com os homens, a ver aqueles homens como pessoas de um mundo que eu não conhecia, que não era o meu, de classe média.

Até que, como relatou recentemente a Marília Gabriela, no Canal Livre da TV Bandeirantes, se deparou com "um rapaz negro todo tortinho, se arrastando, falando com dificuldade". Deu um preço três vezes mais alto:

— Podia ter falado não, mas não tive coragem. Ele aceitou e eu não sabia o

que fazer com o medo, o nojo. Ai tive que ajudá-lo a tirar a roupa, pois ele não conseguia. A partir de então comecei a me questionar sobre o significado do amor, da liberdade, da beleza... Percebi o quanto somos condicionados por padrões rígidos da classe, como nossos sentimentos são orquestrados.

A medida em que elaborava suas emoções à luz dos fragmentados conhecimentos de sociologia, começou a surgir o desejo de ver as prostitutas organizadas. Um desejo que irrompeu mais precisamente ao participar de uma passeata de prostitutas e homossexuais realizada na avenida São João, em São Paulo, em junho de 83, contra o terror exercido pelo então delegado

Richetti.

Hoje ela coordena no Instituto de Estudos da Religião (Iser) no Rio, uma pesquisa sobre a história da zona do Mangue, cujas primeiras notícias são de 1857, quando francesas e polonesas começaram a chegar de navio e instalaram-se na Cidade Nova e no Estácio. Em 1930 havia no Mangue mais de 3 mil meretrizes fichadas pela polícia; hoje poucas mulheres trabalham nas quinze casas que restam ali.

Os 15 mil cruzados mensais que recebe do Iser incluem ainda o trabalho de alfabetização levado junto às crianças do Mangue, e constantes andanças pelo Brasil para contato com prostitutas.

— Em 1982 fui convidada para o Encontro de Mulheres de Favela e Periferia do Rio, e falei que era prostituta, abertamente. A partir daí não pararam os convites para palestras. Quando vi estava sem dinheiro e sem tempo pra ir no Mangue, só fim de semana. Fui então convidada por uma pessoa que me deu muita força, Rubem César Fernandes, para continuar meu trabalho através do Iser. E aí fomos reunidos as condições necessárias para a realização do Encontro. Convidei as prostitutas através da Pastoral da Mulher Marginalizada, que existe em praticamente todo o país, e também convidei algumas que eu já conhecia.

Ela fala sobre os novos projetos, nascidos das conversas no Encontro:

Somos condicionados por padrões rígidos

uma ação contra a violência policial e a corrupção das estruturas jurídico-policiais, tema principal dos debates, através de assessorias jurídicas e de imprensa ("elas ficam marcadas pelo resto da vida"); a formação de agentes educacionais entre as prostitutas, para alfabetização ("60% das mulheres

são analfabetas, o mesmo Índice encontrado no meio popular, do MEC"); de agentes de saúde para ação preventiva no combate às doenças sexualmente transmissíveis e Aids, além de doenças infecto-contagiosas ("ainda tem muita tuberculose no Mangue"); a edição de um boletim bimestral de circulação nacional, a exemplo do que tem a Pastoral da Mulher Marginalizada, e ainda um banco de dados sobre a prostituição no Brasil.

Gabriela é mangueirense "roxa", taurina determinada, louca por uma cerveja.

Adora um samba, a noite, a malandragem. Embora atualmente leia Foucault, Reich e Guatarri, com quem conversou pessoalmente sobre a relação entre repressão sexual e poder, seu "grande barato" é a literatura: "Leio textos teóricos pra não virar figura folclórica nesses debates. Mas tenho a cabeça pro lado da poesia, estou sempre vendo poesia em tudo, mesmo onde não tem." É a personagem preferida de Otilia, a moça paulista classe média que queria ser socióloga.

Mulher: da vida é preciso falar, chamada para a noite de encerramento do Encontro, foi criação da Gabriela. Gabriela/Otilia, dividida como toda mulher da vida, que trata agora de integrar as mulheres que tem dentro de si organizando as prostitutas, como sonhou naquele dia longínquo da passeata em São Paulo. Uma integração que não se dá sem sofrimento, co-

mo mostra este texto escrito em janeiro de 1986, quando deixava a prostituição:

"Fui aos porões e voltei ao convívio da quase hipócrita classe média. Fui aos porões e encontrei a Gabriela que estava escondida na pele da Otilia, da Gabriela que voltou a ser Otilia nesses seis meses de reencontro com a classe média.

Aqui no Iser, no PT, na Pastoral eu

não sou a Gabriela da Boca do Lixo, do Mangue, dos hotéis da Cruz Vermelha com os maridos malandros. Sou apenas a Otilia anterior à Gabriela. A Otilia que hoje tem vergonha de tirar uma foto com o Lula, que tem medo de falar de sua sexualidade e de seus homens malandros, a Otilia que tinha medo de transar com um homem com as luzes acesas.

Nesses dias, que meus dedos na máquina querem escrever 'dias de loucura' (é a Otilia que está escrevendo) percebo que meus dedos não são minha alma e minha alma que está infalivelmente comprometida com a Gabriela sabe que não foram dias de loucura. Foram dias de vida, de amor e de profunda realidade.

A Gabriela não está totalmente perdida, apesar de estar rodeada por pessoas da mesma classe social da Otilia, a marginal Gabriela ainda existe e vai continuar existindo, apesar da pretensa universalidade do pensamento da classe média.

Foi o sonho mais real que vivi. Foi zona sábado por imposição da Gabriela. Chorei muito de amor, de saudade. Envolvida no clima mágico a Gabriela quis voltar. No domingo, a Otilia sentiu que não queria mais viver no meio daquela sujeira, daquela violência. O meio que vivo hoje venceu. A Otilia venceu.

A pretensa universalidade do pensamento dominante não. A Gabriela lutadora ainda existe e como existe. Só que agora mais forte, com toda a força da sua sexualidade redescoberta."



Gabriela, Prostituta de coração

O GOZO

Elas trocam aquilo que é considerado mais pessoal — o corpo — por algo que simboliza o máximo de impessoalidade — o dinheiro. Realizam uma dissociação entre sexo e amor, percebida como "natural" entre os homens mas rara entre as mulheres, que investiriam a afetividade em tudo o que fazem. Elas gozam?

"Eu podia perfeitamente gozar com aqueles caras. De dez que aparecessem, um ao menos tinha as mesmas fantasias que eu", me diz Gabriela. No debate sobre sexualidade no Encontro, porém, a maioria das prostitutas se mostrou mais confusa no reconhecimento do próprio prazer sexual. A unanimidade chegou apenas quando responderam à pergunta: 'pra vocês está associado o gozo com o carinho?' 'Lógico, lógico' — a palavra ecoou de várias bocas.

Mas também a questão do carinho e afetividade nas zonas é controversa. Conforme declarou ao *Jornal do Brasil* a 5 de julho, Gabriela recusa a idéia de que o trabalho na prostituição não envolve afeto. "Isto é mentira. Nunca tive tanto afeto quanto na época do Manguê. Foi lá que recebi todos os convites de casamento da minha vida". O *Jornal do Brasil* a 20 de julho, porém, atribui a Gabriela a afirmação de que "as prostitutas são mulheres freqüentadas por uma porção de homens, mas que não têm o menor respeito por elas". Quanto aos pedidos de casamento, ela teria dito que "as que aceitam sempre voltam à zona, primeiro porque o sujeito ganha salário mínimo, segundo porque é machista e tira toda a liberdade da mulher, com a qual ela está acostumada. Terceiro porque na primeira briga ele joga o passado na cara dela. A questão do afeto é muito complicada."

O lugar da prostituta é o lugar da transgressão, afirma Gabriela. Mas num país com os graves problemas sociais que tem o nosso, a opção surge a partir de poucas alternativas de vida.

— Entre o emprego doméstico e a prostituição, não sei qual explora mais. Você vê meninas deixando a zona pra casar, arranjar um emprego. Mas elas não aguentam o machismo dos caras e afinal, trabalhar em quê? Em emprego doméstico? Elas não têm condição pra outra coisa. Então a opção é muito assim, no baixo meretrício. Não dá pra ver num primeiro momento, mas ela existe.

Indo mais adiante, Gabriela diz que cresceu e se humanizou na prostituição, que só ali se assumiu como mulher. Um orgulho que começou a mudar quando entrou em contato com a Pastoral, atraída pelo discurso social da Igreja.

— Comecei a assumir o discurso deles também na questão sexual, de que a prostituição é um pecado social. Abandonei meu namorado e fiquei sem qualquer outro homem, oito meses sem homem, sem ir pra zona sequer tomar uma cerveja, conversar. Fi-

quei uma pessoa amarga, rancorosa, acreditando na Pastoral e na Teologia da Libertação.

Mas a afirmação mais forte de Gabriela, ressaltada pela mesma edição do *Tribuna*, é que "prostituta goza sim, e muito. Deve ter uma porrada de mulheres que não são prostitutas e que nunca gozaram." Se seu intuito foi chocar os setores conservadores, ela conseguiu. Entre ataques ao divórcio, ao grupo gay da Bahia e à "falsa pastoral". Dom Marcos Barbosa reproduz, em artigo no *Jornal do Brasil* de 24 de julho a frase de Gabriela. Claro, substituindo porrada por batelada

Depoimentos

"Pois é, às vezes a gente se segura e não quer assunto, porque o cara não é do nosso meio, a gente se segura até fugir, mas aí, quando a gente pensa que não, os nervos da gente tá fora da terra. Porque tem vez que eu vejo chegar na porta do sol, assim de costas. Certo? e depois tá vontade de fazer o quê? vontade de sair matando? não, depois a gente já satisfeita... (risos)!"

"Ao meu ver, nisso aí tem um xobreminha psicológico. Porque você tá deitada na cama com um homem que é seu, que você gosta dele, você se entrega, você viaja com ele, enquanto que você batalhando, você tá ganhando seu pão, o trabalho. Eu no seu lugar, isso nem me passava por minha cabeça, eu deixava, meu dinheiro, cabô, entendeu, eu ia lutar por essa parte, aí, junto ao homem que eu gosto. Pra mim é psicológico. Nunca gozou com freqüês?"

Eu não. Por isso que eu digo que é psicológico de cada um, é um xobrema psicológico. Quem na zona, que não tenha problema psicológico?"

"Dependendo às vezes do carinho to freqüês, eu gozo, não precisa ser novo. Novo, nem velho, nem preto, nem branco!"

"Vamos falar o português craro, odo mundo goza!"

"Então, ah, parece que ficou consenso, né, há a possibilidade de um aprendizado, em se procurando o prazer, conhecendo o próprio corpo, o aprendizado sai fora da questão da sexualidade, perpassa outras coisas, ai prá fora do corpo..."

"Porque quando a gente chega, tá, a gente não conhece nada."

"Eu quando fui prá zona, fiquei mais de um ano, como prostituta, sem sentir nada."

"Mais experiência. Eu acho que a gente tem que aprender mais o que é sexo, eu acredito que dentro do sexo é abrir as pernas pra acalmar o homem. Agora, a questão do dinheiro é sexo?"

CONFRONTO COM A IGREGIA

Com grande repercussão na imprensa nacional, a proposta de reconhecimento social das prostitutas como categoria profissional provo-

cou reações indignadas, como o artigo de dois bispos publicados no *Jornal do Brasil* em 24 de julho. Dom José Fernandes Veloso, bispo de Petrópolis, afirmava ser "de estarrecer que tenham pretendido realizar esse encontro [que visa promover, pela profissionalização, o pecado mais degradante para a mulher e abominável aos olhos de Deus] numa casa para reuniões de oração e formação, mantida por religiosas que professam, precisamente, a virtude contrária: a castidade perfeita consagrada a Deus."

De fato, o Encontro coordenado pela "prostituta de coração" Gabriela Silva Leite deveria ter-se realizado num convento de Petrópolis, cedido por

Dom Mauro Morelli, bispo de Caxias (RJ). Mas na última hora o local foi negado a pretexto de outra utilização, e Gabriela acabou conseguindo o Centro de Artes do Rio. Apesar disso, Dom Mauro é uma das poucas pessoas da Igreja que ela diz respeitar: "um cara mais da vida, mais da rua, não tem o jeito de bispo, dá pra conversar com ele."

"É muito difícil conviver com esse povo da Igreja", resume Gabriela que em seu itinerário político passou pela Pastoral da Mulher Marginalizada, criada há mais de vinte anos por iniciativa de Dom Antonio Fragoso, bispo de Cratêus (CE), mas apoiada apenas por

alguns setores da Igreja. Levada por frei Leonardo Boff a participar do 6º Encontro Nacional da Pastoral, realizado na Bahia em 84, ela acena, porém, que em assuntos ligados à moral e à sexualidade "tanto a Igreja progressista quanto a conservadora se unem. Nas outras

Pastorais dá para se trabalhar, por que não envolvem problemas morais como o prazer da mulher. Aqui entra diretamente a noção de pecado, que no caso

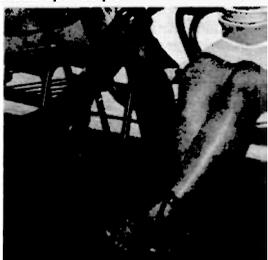
da prostituta é retirado do indivíduo e colocado no social, mas sempre visando a recuperação."

Lembrando o último encontro nacional da Pastoral, realizado agora em agosto em Brasília, ela reproduz o discurso de encerramento de Dom José Maria Pires, o Dom Pelé de João Pessoa (PB): "Durante o Encontro todo mundo fala, mas a palavra final é sempre de um bispo", comenta mordaz. Ao reconhecer os conflitos causados pela presença de Gabriela e pela repercussão do Encontro de Prostitutas no Rio, Dom José teria dito que "houve ciúme por parte das agentes de Pastoral porque as mulheres estão criando pés para andar. Mas que deixassem as mulheres andarem, pois quem sabe voltariam depois de levar alguns tombos."

— Essa questão da recuperação me deixa arrasada. Coloca as mulheres como vítimas, retiram delas a condição de sujeito. A Igreja também não dá oportunidade de surgirem lideranças, não deixa as mulheres falarem por elas mesmas, está sempre falando em nome de. Seus encontros têm sempre setenta agentes pastorais e dez

prostitutas. Ao lado de suas críticas à Igreja, coloca a esquerda e a direita: — Durante muito tempo o pensamento conservador reduziu a prostituta a uma vagabunda, admitida no máximo como um mal necessário. A esquerda, por sua vez, a vê como decorrência das injustiças sociais que serão eliminadas quando se alcançar a sociedade ideal. A perspectiva de qualquer modo, é sempre de repressão, e reflete velhos princípios da moral cristã. Nega à prostituta a condição de sujeito, que faz uma escolha em determinada situação. Os conflitos de Gabriela com a Pastoral da Mulher Marginalizada começaram logo

depois do encontro de que participou, em 84, ao se apresentar como prostituta e não como "menina", termo usado pela Igreja para designá-las.



VIOLENCIA

Iracema, 24 anos. Trabalha atualmente em Angra dos Reis. Um dia foi à cidade vizinha de Mangaratiba para jantar. Em 10 minutos chegou a polícia.

"Na delegacia o dono que fazia a ficha falou que ele não permitia prostituta na cidade e que nós ficaríamos lá até o dia seguinte, e se voltássemos à cidade de novo, ficaríamos 6 meses, ou mais tempo, é, um lugar assim muito sujo, sabe, mais cheiro horrível, não quiseram dar água pra gente, não deixaram a gente nem pegar um agasalho, tinha uns preso lá, que deram jornais pra gente, nós sentamos lá no chão, passamos a noite, no outro dia, meio-dia ele começou a soltar de 3 em 3, meninas, ficou só 4, eu e mais 3 amigas, e, fomo pega os nossos pertencimentos, roupas, as coisas que a gente tinha levado, aí ele pediu o dinheiro, uns dólar que a gente tinha ganhado, umas meninas tinham uns anéis, é, jóias, né, cordão, aí ele gostou de uma das meninas. É quis transar com a menina, um dos policiais, aí entraram mais 2 policiais e o delegado, aí, quiseram transar com a gente à força, falamos que não, mas mesmo assim a gente foi pra uma sala, lá, uma sala deles, que tinha só um colchonete, e, lá a gente foi submetida a vários tipos de relações, no final ficaram com o nosso dinheiro, nós pertencemos, coisa de valor, e, eu sou mais desbocada, falei que ia denunciar eles, na delegacia de Angra dos Reis, aí o delegado que falou com o outro lá, são amigos, sei lá, quando eu fui denunciar eu fui pro pau de arara, fiquei três dias em pau de arara, sofri queimaduras no corpo, e, levei uns chutes no útero, a causa que hoje eu não posso ter filho, porque deu infecção nas minhas trompas, e, eu não posso mais ter filhos, não pude denunciar, e não pude fazer nada porque era sozinha, e também nós somos ameaçadas, ah, de vida, corremos risco de vida, duas já estão mortas, uma foi embora pro exterior."

HOMENS/ FREGUESES

D.V.R., mineira, 34 anos. Saiu de casa com 13 porque o pai queria obrigá-la a se casar com um empregado da fazenda onde viviam. Estuprada aos 15 anos, começou a "dar" por comida, até aprender o ofício, passar por vários garimpos, e ir viver em Belém.

"Você não tem ainda ajuda de ninguém, você não tem emprego, você não tem nada, você tem que tirar dali, o seu pão de cada dia, alimentação pra você e pra seus filhos, seu aluguel de casa, colégio pros filhos, gente não é fácil não, o custo de vida subindo dia-a-dia, não é fácil de jeito nenhum.

Eu não me sinto bem com esses homens de primeira classe, sabe por que? porque eles só vão pra humilha a gente, eles acham que eles tá pagando, a gente tem que fazer o que eles que-

rem, tem tipo de homem que força a gente a fazer certas coisas, às vezes é obrigada a usar violência dentro do quarto, contra os homens, porque eles acham que a gente, um chegou e disse prá mim: você é puta! eu faço de você o que eu quero! eu disse: mas acontece que eu ganho seu dinheiro, e o seu dinheiro não me ganha, não é porque eu sou puta que eu vou fazer o que você quer... Me dei bem no garimpo, apesar das pessoas ter pavor do garimpo, porque diz que peão é selvagem, peão é, não, engano, eles tratam a gente muito bem, com o maior respeito, o peão, agora se você tiver numa boate, chegar aquele cara de paletó e praça Presidente, minha filha, não vai que você vai quebrar a cara, porque além dele querer que você faz, da maneira que chama completo, eles tem mania de dizer, completo. Prá jogar cem cruzeiros na sua cara, quando você dá sorte de receber cem cruzeiros, ou senão ele diz: que que você quer?, você é uma puta, eu vim pra me aliviar, é, tudo isso gera uma revolta dentro da gente, então a gente já vai com aquele ódio, entendeu?, já vai com aquele ódio...

Agora, existe muito home legal, aqueles homem pobre, faxineiro, assalariado, o varredor de rua, ele gratifica, paga não, ele gratifica a mulher bem, e não usa ela como mercadoria e sim como mulher, o estrangeiro, o estrangeiro, poxa, ele trata a gente como uma verdadeira esposa, não tem vergonha de andar com a gente, agora o brasileiro tem vergonha de andar com uma mulher...

Eu batalho na rua, eu batalho no bar, eu batalho em boate, aonde der não tô nem aí, quero é ganhar o meu dinheiro, não escolho se ele é preto, amarelo, se é azul, quero saber é se tem grana, porque a minha finalidade é grana, não gosto de ninguém, gosto de dinheiro, se eu vivo pra isso, por que é que eu vou fazer amor de graça?

Tem uma turma de mulher na esquina, aí passa, principalmente os estudantes, como eles gostam de gritar: fala, depósito de Aids!, mas eles sabem, porque o depósito de Aids são eles próprios..."

AIDS/ DISCRIMINAÇÃO

Sueli, 25 anos, trabalha no Mangue há 10 anos. Tem família, que considera ótima e não pretende que saiba que é prostituta.

"Com esse negócio de Aids caiu 100%, eu fazia 25 freguês até 5 h, agora prá gente fazê 20 ou 15 tem que ficar até uma hora da manhã, então eu queria que combatesse, diz que a gente não é aquele foco da Aids, tá entendendo?, isso que estão aprontando com a gente é covardia, tão vendendo camisinhas, e aquilo vocês sabem, tá machucando muito a gente, machuca a gente por dentro, então eu sou uma mulher que encaro, eu trabalho na casa 9 da Lolita, boa cafetina, eu de lá eu não posso dizer que é ruim, lá a gente tem de tudo bom, sabe, então lá tem muitas casa que num tá, assim tudo sujo, ali corre água, então eu queria que não durasse, que eles olhasse prá gente, que olhasse a gente como a gente é, a gente chega num lugar se fala que a gente é isso, nossa

senhora!, acabou, então eu sou uma pessoa tá ali, eu andava sofrida, até a chegada eu sofri muito, que nem todo mundo pensa igual né, tem aquelas que encarnam na gente, quer corta a gente, que existe, vocês sabem disso, não adianta esconder, porque tem, as braba, as valente, tem muitas, então prá gente fica a gente tem que ser artista, quem pergunta; quem é a Sueli dos olhos verdes?, ali todo mundo conhece, me dou assim, de ponta a ponta, de vagabundo a todo mundo, não sou aviciada, fico ali quando dá, prá criá meu filho, meu pai e minha irmã, que eu tenho prá falá e, melhora né, caí um 5 ou 6 com esse negócio da Aids, caiu, a gente fazia 25 freguês,



até chegava lá 9 horas, quando era 5 horas podia sair com seu dinheiro, hoje em dia a gente tem que ficar até 1 hora da manhã, 2 horas, cobra 130 cruzados, 30 do quarto, 100 cruzados da gente, então não tenho o que fala deles, eu trato eles assim, se eles quis briga eu evito, quando um não quer, dois não briga, evito, evito 100%, então eu adoro minha cafetina, na minha casa vocês podem ir lá, casa nova, acho que a casa mais limpa que tem, é a 9, não gosta de tóxicos, soube que a gente está usando, ih! fica em cima combatendo demais, as vezes fala: ih! que mulhê chatal, porque não sei o que, mas não é nada, dá o maior apoio prá gente, por que se deixar entregue vira como muitas lá, cê sabe porque você conhece há muito tempo, então o que tenho prá falar é isso, combate esse negócio da Aids, não existe gente, porque que agora veio aparecer isso, prá derrubar a gente?"

Sagração

Adélia Prado

Na casa de meus pais, minha mãe cozinhava, eu tomava conta de menino pequeno. Inquieta, porque o moço aguardava-me. O neném está molhado, dizia-lhe, vou lhe trocar as fraldas. Fui para o quarto, minha mãe me passando olhos, eu experimentando vestidos pra chegar na porta e conversar com o moço sussurando-me: quero comer suas pernas, sua barriga, seus peitos; quero tocar você. E de veras tocava-me com o fundo da alma dele reluzindo nos olhos. Você trocou o neném? Você é tão esquisita! Para de falar em amigos e me escuta. Comecei a chorar de prazer e vergonha. Olhando meus pés descalços ele riu. As vibrações da carne entoando hinos, também às que se vira o rosto como a fornicações: flutuação (disse num meu ouvido) bocejos (disse no outro) pulsações de prazer. Estive ataviada o tempo todo... E é tão simples e nu, continuou, uma mulher fornida em sua cama pode louvar a Deus, sendo apenas fornida e prazerosa. Os pobres já sabem...

Sim, quando escrevem nos muros OS MENDIGOS SAUDA-VOS Ó DEUS Parecia um anjo falando as sabedorias... Hélios, chamei-lhe, também luminescente, o corpo representa o espírito. — Aprendes rapidamente, louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo entou com os abismos de sua alma cristã e me atraiu para sempre. Quem é o papa, perguntei-lhe, ansiosa por sacramentos. — É nosso pai abençoando-nos. E me chamou vaca, como se dissesse flor, santa, prostituta feliz.

(Último poema de Terra de Santa Cruz; Editora Nova Fronteira, RJ, 1981)



Em novembro de 1979 a menor Rose, 17 anos, denunciou em São Paulo a violência policial e o incitamento à prostituição dentro do juizado de menores. Foi espancada, seqüestrada e desapareceu. "Ouvi falar que ela era mulher do João Branco, um dos maiores rufiões da praça Júlio Mesquita, que tinha mais de cem mulheres", conta Néia, como é conhecida. A violência policial contra prostitutas e travestis desencadeada nos anos seguintes pelo delegado Richetti levou à realização de uma passeata de protesto em junho de 1983, no centro de S. Paulo, com a presença de oitenta mulheres e homossexuais.



Rose foi sequestrada e desapareceu

A exuberância dessa manifestação é o pano de fundo para a tímida organização de prostitutas que se esboça hoje, com o nome de Grupo de Mulheres da Luz. Liderado por Néia, que por volta de 1980 era cafetina no 145, o Palácio Cesar Rudge da Avenida Barão de Limeira — onde teve problemas de racismo, já que era a única cafetina negra —, foi depois trabalhar na Avenida Indianópolis, ponto preferencial de travestis. "Até que começaram os assassinatos. Morreu uma amiga minha do meu lado, eu fiquei traumatizada e nunca mais voltei lá". A amiga era um travesti; ao contrário do que se fala, Néia conta que se dava muito bem com "elas".

Foi quando Néia voltou para as imediações da Estação da Luz, a mesma região onde iniciou na prostituição por volta dos 13 anos, depois de sair de casa com 11 por sentir-se rejeitada pelo pai, branco, hoje aposentado da PM. Foi por ali que trabalhou com Gabriela, com quem retomou o contato através de Jacira Melo, que no início deste ano realizou o vídeo *Beijo na Boca* (melhor direção no último Videobrasil, Mis/SP) com a participação de Néia. Jacira havia participado com seu vídeo no 1º Encontro Nacional de Ação Cultural e Prostituição, realizado em junho através do MinC pela prefeitura de Jundiaí, interior de SP, onde se encontrou com Gabriela. Isso foi um pouco antes do Encontro do Rio, onde foi a única participante de São Paulo além de Minei-

ra, uma senhora que trabalha também na Luz — ponto preferencial de prostitutas mais velhas.

Néia afixou na parede do bar do Batista, um boteco frequentado por elas, a xerox de um recorte de jornal com matéria sobre o Encontro. A notícia correu e chegou até os jovens que trabalham por ali com os *Sofredores de Rua*, que ofereceram a Igreja para Néia sentar com as colegas e fazer o relato do encontro. É ali que elas vêm se reunindo, nesses quase três meses, em cadeiras dispostas em círculo diante do altar da Igreja tombada de São Cristóvão, na Av. Tiradentes.

Apesar do pouco tempo, Néia já chegou a desanimar com a fluente presença das mulheres, que oscilam entre quatro, meio perdidas no meio das seis ou sete agentes pastorais, e cerca de quinze mulheres. "Eu ainda não fiz nada hoje, não vai dar pra ir", foi a resposta de uma jovem grávida de oito meses que estava no "paredão" com algumas colegas. "As vezes a gente tá lá mesmo, sem fazer nada...". foi a justificativa de outra para dizer porque veio.

A primeira idéia é criar uma creche para as crianças, onde possam trabalhar. A segunda, descobrir a forma de arrecadar um fundo de apoio às colegas doentes, ou no parto, comprar um remédio, a passagem para outro encontro. Estão entrando em contato com irmã Zuma, que trabalha com as crianças das prostitutas do Brás, outro ponto do baixo meretrício em São Paulo que, ao contrário da Luz, reúne mulheres muito jovens.

Histórias de vida

Dona Lurdes, nome "de guerra" de Sebastiana, respeitável senhora negra, mineira, destampou a contar sua vida num tom muito vivo e bem humorado. Lembrou da patroa que a trouxe, menina ainda, de Franca, interior de São Paulo, dizendo que ia tratá-la bem ("Abusei dela. Você limpava uma coisa, a patroa dizia que não tava do jeito dela. Cada uma tem um jeito, oral"); do tempo que trabalhou em fábrica ("Não é fácil agüentar encarregado enchendo o saco, engolir a comida em vinte minutos"); do trabalho de faxineira em prédio ("esfregando escada de joelho").

A maior parte do tempo é ocupada em relatos sobre a violência que sofrem nas mãos dos guardas ferroviá-

rios, responsáveis pela "segurança" da Estação. "Já levei uma borrachada, um pau desse tamanho". Uma sala do andar de baixo da Estação da Luz serve de sala de tortura.

"Quando eles rodam bastante a barca é porque estão atrás de dinheiro", contam, sobre a corrupção da polícia. Néia lembra o racismo: "Não dou sorte com PM preto, o cara chega, me chama de negrona, levanta minha saia na cabeça, e ainda diz 'você são putas é pra essas coisas'. Nós somos massacradas, e mais do que nós os sofredores de rua, que dormem na beira da estação."

O Senhor é nossa força, conosco está o Senhor, forte e poderoso. Na leitura do Salmo a sirene toca lá fora. Néia lê um poema que escreveu sobre os negros. "Infelizmente eu sou bem marcada pela cor..."

Noves entre dez dessas mulheres são negras e mulatas. A décima é mestiça. Maria, ou Índia, como ela prefere, "percorre trecho". É prostituta de estrada, de posto de gasolina. Nascida em Belém e criada em Belo Horizonte, tem vivido entre as capitais do país ao sabor da direção seguida pelos caminhoneiros. Ali na Luz ela fica quando quer dar um tempo, como quando foi empregada doméstica por dois anos

ou ainda agora: "quando cismo trabalho de doméstica, faxineira. Esperando a sorte do casamento, eternamente", diz com seu jeito de atriz. Vive "à banal", uma vida que "é perigosa e não é: tem que ter educação, senão morre cedo. Tem muito perverso, se jogar alguma letra na maldade você faz que não escuta."

Com orgulho diz que não tem "nenhum corte de facada, minhas treta são de amante."

Como a maioria das outras, acha que prostituta tem problema de saúde só se não for esperta: "eu olho dentro, examino os homens. Aids não peguei nem vou pegar, só de olhar conheço os homens, e os que eu não conheço eu conheço também."



Índia "dá um tempo" em São Paulo



Néia chama colegas para a reunião

VERSO E REVERSO

A prostituição deixa marcas na mulher, não no homem. Ela é identificada, até literalmente, pela polícia, ao entrar em um mundo que lhe deixa poucas possibilidades de saída. O homem, ao contrário, transita por esse mundo anônimo e sem estigma.

"A revolta ou o fim das religiões genitais" é o nome do capítulo de onde foram retiradas as frases abaixo, algumas das "mil e três" razões porque existem clientes (A nova desordem amorosa, de Pascal Bruckner e Alain Finkielkrant, Éditions du Seuil, Paris, 1979).

• Higiénico e funcional, não conceder ao amor mais tempo do que é necessário: sacrificar-se ao instinto, porque ele é tirânico, mas o mais depressa possível para não perder o controle de si. Purgar-se de suas pulsões a fim de ter a cabeça livre.

• Na encruzilhada de todas as segre-

gações (imigrado, fora de páreo, por fora da língua), excluído pela moda, pelo racismo e pelas palavras, ver-se de repente na rua indesejável porém desejan-te.

- Combinar as aventuras à fidelidade: salvar o casal, ao mesmo tempo em que foge à sua monotonia, por escapadelas furtivas.
- Realizar a fusão sem esquivar-se dos laços: fazer o amor sem jamais travar conhecimento.
- Comprar os direitos de consagrar-se exclusivamente aos mecanismos de seu próprio gozo. Emancipar-se do direito de reciprocidade.
- Através do milagre do dinheiro aceder, logo de cara, ao inacessível: o sexo da mulher.
- Trepar na mulher para contemplar e depois investir contra um corpo desertado. Buscar a prostituta não apesar de e sim por sua indiferença: porque é esta frieza que dá ao lance seu perfume de religiosidade. Como na Igreja, inebriar-se com a emoção provocada por uma ausência. Não há ninguém, logo há Deus.



No "paredão", à espera do cliente

AS MULHERES DA LUZ



Segundo estimativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, há no país cerca de 10 milhões de prostitutas em atividade. A Unicef calcula em 2 milhões o número de meninas entre 15 e 15 anos que se prostituí.

"Parece desproporcional", argumenta a pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, Cristina Bruschini, especializada em trabalho feminino. Ela ressalta que não tem dados sobre a ocupação, mas considera que o Brasil tem 120 milhões de habitantes, entre eles 51% de mulheres, cerca de 60 milhões. "Se pensarmos numa faixa etária possível entre 15 e 50 anos, isso já restringe esses 60 milhões para uns 40 ou 30. Dez milhões me parece desproporcional, embora o número de prostitutas seja dificilmente mensurável, porque é uma ocupação estigmatizada."

Cristina concorda que a prostituição deva ser considerada como ofício e deva constar das estatísticas sobre trabalho feminino. Mas "não é o caso de profissionalizar", diz, "institucionalizando uma ocupação que seria melhor que não existisse".

Como ela, outras feministas reagem contra o reconhecimento das prostitutas como categoria profissional. Dizendo-se pega de surpresa por nunca ter pensado no assunto, a recém-empossada presidente do Conselho da Condição Feminina do Rio de Janeiro, Branca Moreira Alves, acha que a prostituição tem sido relegada a segundo plano pelo feminismo por "avestruzice", ou seja, dificuldade de olhar para uma realidade difícil. E embora também argumente contra a institucionalização da "expressão máxima da opressão da mulher", acha que não se pode fechar os olhos à realidade de tantas mulheres.

O jurista Modesto da Silveira, companheiro da Branca, foi chamado a dar uma espécie de consultoria jurídica às prostitutas no Encontro do Rio. Ele participa da opinião de que o ideal seria não haver prostituição, "que não houvesse exploração do sexo, praticado apenas por livre e espontânea vontade". Mas valoriza a sua organização contra a violência, a exploração, por melhores condições de saúde e o respeito da comunidade, pois acredita que a campanha pela profissionalização virá conscientizar as pessoas de

Que a prostituição é parte do mesmo sistema que tem como máximas a moral e os bons costumes, não há dúvidas. Basta recorrer aos inúmeros discursos médicos e policiais do século passado, que tentavam controlar e higienizar aquilo que consideravam como "um mal necessário" para a preservação da família.

Transgressão consentida

"De Tucuruí, ao norte, a Itaipu, ao sul, todas as grandes obras tiveram seus prostíbulos, providenciados pelas próprias empreiteiras para os 'barrageiros'", conta o jornalista Ricardo Kotscho, do *Jornal do Brasil*, com larga experiência na cobertura dos fatos humanos e sociais criados por essas construções. Ricardo conta também como presenciou, na Copa do Mundo de 1972, na Alemanha, a ida dos jogadores brasileiros a um prostíbulo depois de 15 dias de concentração na Floresta Negra. "Estava lá, na agenda do dia,

falo, símbolo da potência e da autoridade, é transferido do homem para a prostituta, que tem um domínio da sexualidade especial e raro entre as mulheres. "O homem, detentor exclusivo desse poder em nossa sociedade, é desmascarado diante da prostituta. O homem que se depara com a prostituta é um homem mais desvelado, exposto em todos os níveis, inclusive em seu machismo e em sua perversão, no seu medo de se apaixonar."

Para Ricardo, o potencial transformador da relação entre homens e mulheres contida na prostituição é esvaziado ao nível macro-político "porque ela é colocada no queto. Daí a impor-

de outras doenças sexualmente transmissíveis e também doenças infecto-contagiosas, muito comuns entre elas.

Com relação à camisinha, Ricardo



explica que os preservativos não lubrificados realmente favorecem feridas nas mulheres, por causa do atrito. "A lubrificada é mais cara, custa 110 cruzados cada. E como elas cobram 150

NO GUETO, FORA DAS ESTATÍSTICAS

programada pelos dirigentes da Seleção, como outro compromisso qualquer."

A noção de que a sexualidade masculina é tirânica e as mulheres estão di-

tância dessa luta de organização das prostitutas, desse discurso de cidadania que traz a prostituição à tona. Isso é extremamente inquietante para as relações entre os sexos, pois fica claro

por relação, só seria possível usá-las se fossem subsidiadas".

As reivindicações do Encontro, relação à saúde, foram de um projeto de saúde claro e abrangente, com sig-



vidas entre aquelas que cumprem o destino "natural" da maternidade (mães, esposas e donas-de-casa assexuadas) e as "decadidas", que se deixam dominar pelos instintos (servindo ao mesmo tempo para dar vazão ao imperioso desejo masculino e à preservação das mulheres "puras"), está fortemente presente em nosso imaginário, apesar da liberação dos costumes. Na definição de Ricardo de Castro, professor de Psicologia da PUC do Rio de Janeiro, "a prostituição é um espaço de transgressão consentida, ela existe para existir a família".

Ricardo de Castro coordena o trabalho de educação junto às crianças do Manguê, de que participa Gabriela, e sua tese de mestrado

trata a prostituição de um ponto de vista psicanalítico. Para ele, o poder do

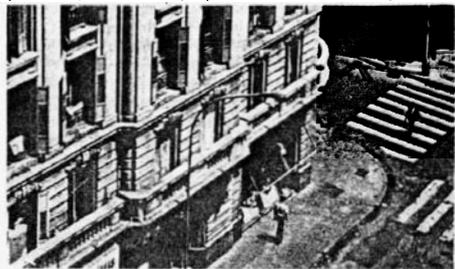
que a relação monogâmica, a representação da família burguesa, já não existe".

Ao contrário do que diz o senso comum, Ricardo conta que as prostitutas mais velhas são as preferidas pelos homens mais jovens. "Há uma certa magia, um poder conferido a essa mulher. E depois, sabe-se que ela tem mais prática no controle das doenças."

Como Modesto, ele acompanhou os trabalhos do Encontro. E explicou a forte reação das mulheres à questão da Aids, encarada como mais uma forma de controle político-policial. "Elas viviam uma desinformação completa, até que a televisão começou a fazer campanha. Mas a representação que ficou dessa campanha foi que Aids é doença do homem, e de homem homossexual. Depois de assimilarem essa informação, de que estão insentas de riscos, elas foram apontadas como 'potencialmente doentes', o que provocou grande reação. Achar que é alguma coisa inventada para ajudar na remoção da zona. Mas, devidamente esclarecidas, estão dispostas a trabalhar na prevenção da Aids, assim como



lo absoluto para qualquer tipo de exame. E ainda um salário saúde, pago pelo governo, para mulheres que eventualmente se vejam contaminadas e tenham que deixar o trabalho. Se vão conseguir? Ricardo acha "profundamente difícil, não só para elas, mas para qualquer grupo, conseguir alguma coisa hoje no Brasil". Por isso estão tentando formas alternativas de associação e cooperação, com instituições como por exemplo a Fundação Oswaldo Cruz, na área de saúde.



Barão de Limeira, 145: o Palácio, hoje um prostíbulo Na esquina a fonte da praça Júlio Mesquita

uma realidade que, embora parte do sistema, é mantida à margem.

O diabo é tão ruim quanto parece

JOSÉ INÁCIO DE MELO SOUZA

Já se gastou muita tinta falando-se do filme de Marco Bellochio *O Diabo no Corpo*. Principalmente sobre a infeliz tentativa de destronamento de La Ciccolina do panteão do *hardcore* italiano por Marushka Detmers. Esta ocorrência, desagravabilíssima para os fãs de Ciccolina, é um dos maiores mal-entendidos produzidos pelo filme.

A releitura do texto de Raymond Radiguet e fetuada por Bellochio resultou na mudança do foco narrativo. Do registro *autobiográfico* passou-se à terceira pessoa, operando-se um câmbio expressivo dos personagens. A narração agora favorece muito mais o papel de Marthe Grangier/Giulia Dozza (Marushka), subvertendo toda a narrativa de Radiguet. Esta poderia ser uma leitura diferente para o livro se o seu desenvolvimento não revelasse um completo desastre. (No livro Marthe com 19 anos apaixonou-se por um aluno de liceu de 16; embora noiva e loou casada com um militar, Jacques, que é chamado para combater na guerra de 1914-18, ela enfrenta família, cidade e instituições para demonstrar o seu amor pelo adolescente; a volta de Jacques do front ocasiona a sua morte).

A Giulia Dozza de Bellochio é uma mulher de estranha natureza. O diretor optou por fazê-la louca. As razões de tal escolha são escamoteadas ao espectador, restando o *dado bruto*: Giulia é louca. Como as instituições familiares (a futura sogra) e médicas (o psiquiatra) insistem neste ponto, não causa espanto a ação de Giulia conforme o figurino. Temos assim uma variada gama de caretas, olhares no vazio, gestos interrompidos, balbucios e tranSES. Como há ainda uma mulher negra que ameaça jogar-se do telhado num acesso de loucura e a futura sogra, esta sim, louca varrida, chega-se a uma conclusão pouco lisonjeira sobre a imagem de mulher que o diretor Bellochio constrói no seu filme. A explicação para a loucura de Giulia passa necessariamente por algumas e, não mais que isso, especulações. O fato de ela colocar flores ao pé da placa indicativa do local do assassinato de um Dozza pelos terroristas, possivelmente seu pai, liga-se ao seu comprometimento com um terrorista arrependido. Ama-se a mão que matou o pai?. O fato de a mãe de Giacomo quase que a manter em cárcere privado deixa margem à observação do terrorismo perpetrado pela instituição familiar, assim como a idéia decorrente de que o terrorismo familiar só pode desembocar em filhos terroristas.

Diante destas poucas informações qual é a imagem que poderíamos ter de Giulia? Por certo que não é a das mais felizes. Giulia é tratada por Bellochio como uma vítima das instituições que a classificam conforme os seus desejos mais secretos, vítima das condições sociais de uma Itália terida pelo terrorismo de esquerda. E como vítima, Giulia é uma incapaz. Desse modo, se a observação estiver correta, a Giulia de Bellochio é uma construção anterior

a Marthe de Radiguet. Como caímos em pleno campo das novelas cavalheirescas com donzelas prisioneiras de ogres (situação reforçada pelas condições de vida de Giulia — o apartamento e seu guarda), o passo seguinte e natural de narrativa reside no aparecimento do príncipe encantado. Ao jovem Andrea se apresentarão todos os obstáculos tradicionais antes de alcançar o congresso carnal.

Seguem-se os mais espetaculosos: o enfeitamento do ogre (a futura sogra que chega a jogar o sapato por baixo da cama em busca do inimigo do filho); a luta contra o pai psiquiatra (filho contra pai pela posse da mesma mulher, onde que já vimos isso?); escalada das muralhas do castelo até o

quarto da amada; por fim, a vitória: Giulia desiste do casamento com Giacomo para presenciar os exames de fim de curso do estudante, com direito à interpretação de Dante e Antígona em grego. Radiguet não obrigou nem a Marthe nem a seus leitores a um suplício igual.

O Diabo no Corpo tem, portanto, a virtude de colocar para o espectador, por meio de uma narrativa ultrapassada, algumas idéias antiquadas a respeito de sérias questões da Itália contemporânea. Que o faça de maneira tão retrógrada e com tanta publicidade é o mais espantoso.

José Inácio de Melo Souza é pesquisador em Cinema.

INCESTO: novo marketing das novelas

MARINA HECK

A Rede Globo trabalha em nome de um todo coerente, mesmo estereotipado, a serviço de uma ideologia ampla, mas precisa. Os diferentes temas, gostos e preocupações das diversas faixas de público são distribuídos dentro dos horários e dias da semana, segundo uma classificação dos modos de vida dos telespectadores. Nesse sentido a linha mestra desta emissora de tevê é dada pela Central de Novelas; o resto é "molho". As reportagens, os shows e os filmes somente acompanham as novelas, que carregam o estilo da Globo e com esse estilo ditam modos de vida, visões de mundo, mitologias... Mitologias que se alimentam evidentemente da evolução dos signos da nossa sociedade e vêm dar sabor às tramas novelísticas.

Até agora, a Globo sempre traba-

lhou com verdadeiros mitos no sentido que Barthes deu a esta palavra, isto é, com conotações já universalizadas e naturalizadas de uma ideologia dominante. Com perspicácia, as novelas conseguem apreender um novo significado que já se esboça concretamente nos modos de vida do público: o homossexualismo masculino por exemplo. Ultimamente, entretanto, podemos notar um novo significado no conteúdo das novelas que parece escapar desse quadro de análise, o incesto. O fato de um tabu desse porte vir à tona na Globo, intriga.

O Outro esboçou o incesto nas relações entre Laura e João Silvério, mas ficou só nas entrelinhas. O namoro de Zezinha e Pedro Ernesto também tinha um duplo sentido, embora filhos de pais diferentes na trama da novela, eram no fundo filhos do mesmo ator protagonista dos dois papéis: num cer-

to sentido irmãos. O auge, entretanto culminou no affair entre Glorinha e seu pai, Paulo; pois embora o público soubesse que se tratava de Denizard, o personagem naquele momento estava protagonizando Paulo; Glorinha entre tanto, não sabia que Paulo era seu pai. Ao saber, se escandaliza e renuncia seu amor. No final viaja conscientemente com seu pai, o Paulo verdadeiro deixando o público a imaginar o quizer. Esses "quiproquós" não deixam de ser uma característica da narrativa novelística típica. O incesto quase explícito, entretanto, é um dado absolutamente novo sobretudo no grau de intensidade que vem sendo usado pelo Globo.

A novela *Helena na Manchete* também marcou a presença do incesto mas em se tratando de uma obra literária de renome, a intenção fica diluída; a responsabilidade fica por conta de Machado de Assis. A introdução do incesto nas novelas, com a preocupação exagerada do *O Outro* não somente intriga como também não veio como esse tabu poderá ser integrado dentro da mitologia sócio/ideológica Barthesiana.

Estaria a Globo introduzindo agora dimensão psicanalítica do mito em suas novelas? Isto não só surpreende como não faz sentido pela evolução das análises de conteúdos na televisão que venho fazendo há muitos anos. Sugiro, no entanto, que a chave dessa indagação esteja na própria estrutura da Rede Globo como empresa de comunicação. De certa forma a resposta está na seqüência de *O Outro*, ou seja na nova novela das 20h30 — *Mandala*.

Desde que a Globo resolveu levar ao ar a novela de Dias Gomes, baseada na lenda de Édipo, foi preciso preparar o público. A própria trama de *Mandala* já foi em parte incumbida de ir preparando os espíritos dos telespectadores. O namoro de Vera e Creonte que ignoram que são filhos do mesmo pai: Túlolo, já é um primeiro passo nesse sentido. *O Outro* finalmente parece ter tido essa função didática de ir preparando o público. Pouco depois do seu início a novela de Aguinaldo Silva mostrou-se fraca e a sua tendência ao fracasso foi logo delineada. Ac mesmo tempo Dias Gomes já se debatia com problemas de censura, pois o tema de *Mandala* foi óbvio desde o princípio. Não surpreenderia se a Globo houvesse optado por "queimar" *O Outro*, a carne fresca para as piranhas da censura, a fim de testar o tema e preparar o público. Uma novela pode ter servido de marketing para o lançamento da outra.

As coincidências e as entrelinhas de *O Outro* deverão servir como rito de iniciação para a novela onde o tema do incesto deverá ser abordado de forma "séria". Através dos precedentes de *O Outro*, e criando uma expectativa no público a Globo agora está preparada a enfrentar a censura e realizar uma obra espetacular: fazer a psicanálise das massas. Freud, se tu me escutas...



Marina Heck é socióloga-urbanista, autora de *L'Etat des Lieux* e *The Ideological Dimension of Media Messages*

A revista inglesa **The Independent** publicou em junho deste ano uma reportagem da jornalista e escritora Germaine Greer sobre o Nordeste brasileiro, que reproduzimos nesta edição. A primeira parte aborda as atrocidades da seca — que já vemos com certa indiferença — alimentada pela distribuição desigual de renda, interesses de coronéis e poucas alternativas de saída, oferecidas pelo governo Sarney.

NORDESTE:

GERMAINE GREER

Recife, na costa nordeste do Brasil, é um lugar assustador. Não apenas porque todos os dias, na periferia da cidade, lixeiros encontram corpos de homens jovens com buracos de bala na nuca. Não apenas porque a polícia militar faz exhibições de sua violência para lembrar às pessoas que as Forças Armadas, não José Sarney, governam o Brasil.

Mas o que assombra no Recife é o espectro da fome. No centro da cidade, o sindicato dos mendigos defende seu território contra os fantasmas que adentraram a cidade vindos do sertão, fugindo da seca.

Eu estava puxando minha saia da mão de um mendigo quando vi um homem com uma maleta de papelão hesitar e cair no chão. Ele bateu semiconsciente o bolso de sua camisa e tirou documentos para mostrar que estava procurando um emprego. Ele tinha vindo a pé do Rio Grande do Norte e nada tinha encontrado. Seu pulso estava acelerado, sua pele, seca e solta. Ele estava desidratado e morrendo de fome. Os transeuntes que passavam sobre suas pernas finas me diziam: "Cuidado", como se ele tivesse trazido alguma praga com ele do sertão, a região das crianças mortas.

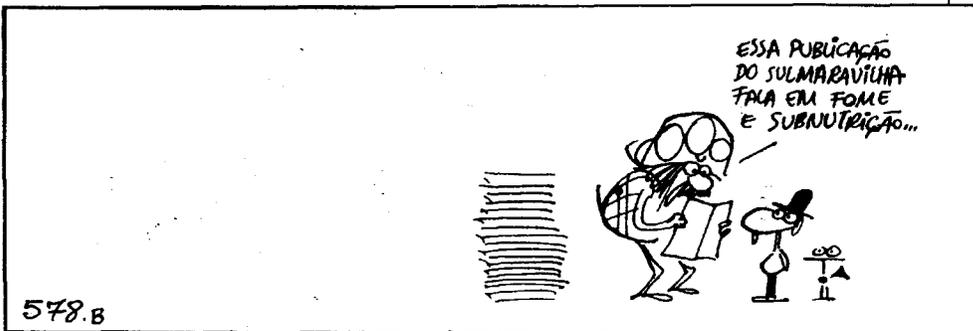
Na estrada, o frentista do posto de gasolina se apressou para devolver meu troco, morrendo de medo de perder seu emprego. Seus gordos patrões sentavam na sombra, bebiam cerveja e riam de suas pretas e esqueleticas pernas e de seus trapos. Se o pobre homem perdesse o pequeno salário que lhe pagavam, outros filhos seus poderiam morrer de fome. Poucas milhas depois, na estrada, encontrei o cemitério. Pequenos caixões empilhados confusamente sobre trincheiras não eram maiores do que uma caixa de sapatos.

Há fome no Brasil, embora o Brasil tenha recebido bilhões de dólares para insistir no desenvolvimento, seja o país mais rico do Terceiro Mundo e venha se recusando a pagar os juros de sua dívida externa.

A fome no Brasil não se deve à escassez de alimentos ou catástrofes naturais. A fome no Brasil é um resultado da política. A falta de terra cresce a cada hora. Os pobres são deliberadamente excluídos da economia. Imobilizados, ignorantes, impotentes, eles olham seus filhos morrerem. Os nordestinos adultos são difíceis de matar, pois são rigorosamente selecionados desde a infância. A maioria das mulheres nordestinas dá à luz todo ano; ter uma ou duas crianças que sobram para ajudá-la na velhice a sobreviver. A expectativa de vida no Nordeste é apenas 52 anos.

O entendimento da difícil situação dos camponeses nordestinos (e da cumplicidade da comunidade interna-

Se ficar



cional do genocídio pela expropriação) tem sido distorcido pelo mito da seca nordestina, uma seca na qual gado nenhum morreu.

Por cinco anos consecutivos, de 1979 a 1984, as chuvas no Nordeste foram escassas. A maior parte da área fica no que se chama "polígono das secas", onde as secas se repetem e a população animal e humana é caçada pela dureza de condições semi-áridas.

Em abril de 1984, quando agências de ajuda internacional estavam a ponto de iniciar um grande apelo em prol das vítimas da seca brasileira, as chuvas vieram e o apelo foi abandonado. Em agosto de 1984, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) aceitou, com algumas modificações, um documento apresentado pelos bispos das dioceses do Nordeste acusando o governo militar de genocídio. Desde então, a CNBB e a Comissão Pastoral da Terra têm criticado o ex-presidente João Batista Figueiredo, o ex-ministro do Planejamento Delfim Netto e o ex-ministro da Agricultura, Mário Andreazza, alegando que 3,5 milhões de pessoas morreram como resultado direto de uma política governamental de extermínio. O arquivo dos crimes cometidos contra o povo do Nordeste foi compilado pelo Ibase, um banco de dados computadorizado na Bahia.

No fim de 1984, trabalhadores voluntários visitaram famílias em sete localidades em municípios selecionados, um no Ceará, dois no Piauí e dois na Bahia. Utilizando a projeção mais conservadora, apareceram com o número de 700 mil mortes relacionadas com a seca.

O estilo brasileiro de assistência à seca consiste na formação de frentes de emergência: chefes de família afligidos pela seca trabalham em troca de um pagamento em dinheiro com o qual comprariam os alimentos que não podem cultivar. Os flagelados constroem

o bicho pega,

barragens, preparam a terra para o plantio e constroem estradas, trabalhando em grupos, como os presidiários fazem.

Os trabalhadores, que já eram cronicamente subnutridos, deveriam trabalhar longas horas. A maioria do trabalho era feita com as mãos nuas. Embora as famílias nordestinas sejam instáveis, muitas autoridades se recusaram a permitir uma chefe de família mulher a entrar no programa. No norte do Ceará, os administradores exigiam certificados de nascimento, casamento e óbito de cada membro da família. Muitas uniões nordestinas são informais, especialmente em algumas regiões.

A administração do esquema estava submetida às autoridades locais. A corrupção é a regra no Nordeste; fortunas foram feitas da seca, mesmo na distribuição de água para cidades atingidas pela seca. Os tanques de água eram fornecidos pela Sudene a empreiteiros locais que cobravam um preço por milhas para a distribuição da água. Alguns cobravam preços ilegais pela água. Diante da possível defesa de que o governo não pode fazer nada mais, os bispos replicam que o Brasil é a oitava potência econômica do mundo e o quarto maior produtor de armamentos. O custo total da assistência à seca desde 1900 é de até 10% do custo de apenas uma usina hidrelétrica.

O número oficial para a mortalidade infantil no Nordeste é de 107 por mil habitantes. O número é antes de tudo um dos mais altos do mundo; é também muito ilusório. Representa mortes de recém-nascidos, dos quais muitos

não teriam sido registrados.

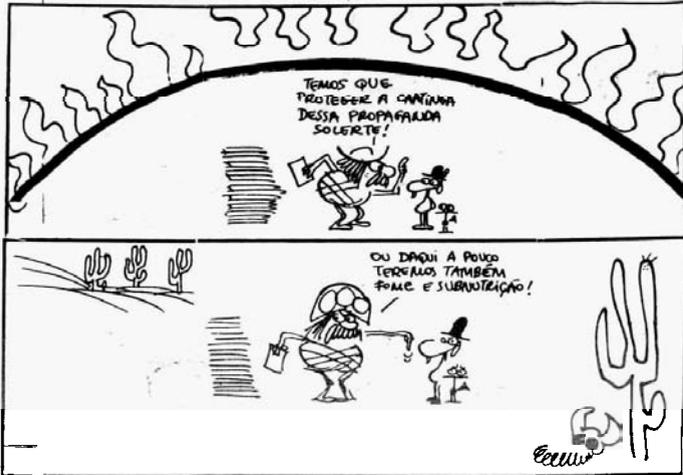
Madá, uma mulher de 65 anos vivendo num lamaçal na periferia de Juazeiro, me contou que teve oito crianças, duas ela abortou pela mata, outra morreu de sarampo, uma doença que mata subnutridos. Seus abortos poderiam ter dado lugar a nascimentos de crianças de pouco peso para a idade ou nascimentos prematuros que falhariam por falta de assistência médica, ambos os casos advindos da gravidez de uma mulher subnutrida. Se alguém tirar história de vida das mulheres, o quadro da mortalidade de crianças nos últimos 30 anos é pior do que as estatísticas oficiais, muitos da ordem de 350/1000 morrendo antes de completar 10 anos.

Em 1970, os 20% mais pobres do Nordeste tinham 5,2% de renda; por volta de 1980 sua parte tinha caído para 3,8%. Os 1% mais ricos possuíam 10,5% da renda em 1970, mas 10 anos depois sua parte tinha pulado para 29,3%.

Dez por cento da população consome 50% do produto nacional. A lacuna entre ricos e pobres continua grande; uma única noite num único quarto no Hotel Meridien de Salvador (BA) vale tanto quanto seis meses de pensão. A pensão mensal de Madá é de 400 cruzados, ou o preço de uma meia-garrafa de (mau) vinho branco brasileiro no bar do hotel.

se correr...

Na terra dos latifúndios



Na segunda parte da reportagem, Germaine Greer trata da reforma agrária que nunca veio para os sem-terra no Brasil, vítimas continuadas da violência crescente no campo que inclui, de expulsão das posses até assassinatos impunes.

Os bispos e a Comissão Pastoral da Terra acusaram o governo do ex-presidente Figueiredo de genocídio. Mas mesmo sob o governo mais democrático do presidente José Sarney, a condição dos camponeses é penosa. Para agravar sua miséria, a propriedade de terras tornou-se crescentemente concentrada. Latifundiários com mais de mil hectares fazem agora apenas 0,4% do número total de proprietários de terra. Esta mudança reflete a tomada da área costeira de chuvas tropicais pela Petrobrás para a monocultura de cana, a ser usada na produção de álcool.

Mesmo quando a terra retornou à propriedade do governo para redistribuição, continuou a pertencer às entidades destinadas ao seu desenvolvimento. Em Bebedouro, no rio São Francisco, o grupo Codevasf possui 1750 hectares. Trabalhadores são convidados a se candidatarem ao privilégio de viverem dentro desse perímetro. As condições de emprego podem incluir abstinência de bebidas alcoólicas, observação religiosa, ficha criminal limpa e aceitação do planejamento familiar, que no Brasil, como em todos os outros lugares atualmente, significa esterilização.

Empresários estrangeiros que exploram a agricultura de irrigação no São Francisco não se preocupam em ad-

quirir a terra, mas simplesmente persuadem os pequenos fazendeiros a permitir que a companhia a ocupe. Os proprietários então trabalham em sua própria terra por salários. O que eles não sabem — e também não são informados — é que a salinização é muito alta. Depois de dez anos o solo não prestará para nada.

E a Reforma Agrária?

A Igreja colocou suas esperanças na Reforma Agrária, com a qual o governo militar tinha um compromisso através do Estatuto da Terra, de 1964; esse compromisso foi reafirmado por promessa solene do presidente Sarney. A única redistribuição de terra que houve é para os que tinham muito e que agora têm ainda mais. Mas a acumulação de hoje de imensas áreas está mais para ser considerada em nome do desenvolvimento de uma associação de que de indivíduos. A ironia mais amarga é que especuladores, que nada fazem com a terra, além de manter outras pessoas fora dela, fazem um assassinato financeiro fora de qualquer programa de expropriação.

A Igreja parece ter apoiado uma proposta levantada por uma organização de trabalhadores rurais que pede a expropriação de todos os latifúndios no Brasil, a expulsão dos proprietários de

terras adquiridas ilegalmente e a expropriação, sem indenização, de proprietários de terra responsáveis por crimes contra trabalhadores e de todos os estrangeiros e multinacionais que possuem terra brasileira. A terra deveria então ser redistribuída para cada família de agricultor em concordância com um mínimo estabelecido por região. A idéia parece estar para estabelecer um camponato agressivo que formará cooperativas para adquirir equipamentos.

Com isso em mente, a Igreja vem financiando poços comunitários, caminhões, centros comunitários e indústrias leves. Bancos de sementes, hortas comunitárias, apicultura, criação de bodes e programas de criação de peixes foram estabelecidos. Mas os problemas que se apresentam à Reforma Agrária no Nordeste são especiais. A definição exata de agricultor, quando a falta de terra aumenta a cada hora, está sujeita a abusos. Muitos pequenos fazendeiros mantêm sua terra ilegalmente; muitos, talvez a maioria, não podem provar a posse legalmente. Falar de Reforma Agrária já provocou a expulsão de milhares de agricultores.

A tensão entre proprietários de terras e pequenos fazendeiros aumentou. Jagunços, recrutados dentre os próprios sem-terra, matam criadores de problemas com total impunidade. A violência pela posse da terra tem sido um destaque da vida do Nordeste, com mais de doze casos por ano, sendo que o número de incidentes cresceu para 222 em 1985. Os especuladores que adquirem terras entendem que terão de defendê-las com armas. Em novembro de 1985, um ex-cônsul grego que comprou terras perto de Ibotirana, no interior da Bahia, mandou seu filho expulsar cerca de cem fazendeiros que ali viviam, o que ele fez queimando suas casas. Um fazendeiro, José Felix Bartrim, protestou e foi morto a tiros. Os fazendeiros atemorizados que presenciaram o fato não querem testemunhar. A Igreja publicou detalhes de todos esses assassinos até o fim de 1985, nomeando os assassinos em quase

todos os casos, mas todos esses mata-dores estão ainda soltos. Frequentemente a polícia assiste aos proprietários de terra desarmando os camponeses e encobrindo os crimes.

Impunidade e Verbas

A Igreja agora incentiva os sem-terra rurais a ocuparem as glebas não cultivadas e os organiza para tomarem posse. Como resultado, freiras e padres também estão sendo mortos. Em 15 de abril de 1986, o jipe Toyota do padre Josimo Tavares, da paróquia de São Sebastião, em Tocantins, foi coberto de balas. Ele comunicou o incidente — e o fato de que vinha recebendo ameaças de morte há um ano — à polícia e às autoridades da Igreja. A 10 de maio, os jagunços o pegaram. Outros indivíduos, todos nomeados num comunicado do *Diário de Pernambuco*, tinham publicamente ameaçado a vida do bispo de Garanhuns. Ainda assim, apesar de a pequena escala de sua atividade em relação ao vasto problema, e a facilidade com que os barões da terra e seus contratados esmagam qualquer movimento de revolta significativo, o secretário da CNBB, Paulo Crespo, acredita que o movimento dos trabalhadores rurais está começando a ganhar terreno.

A preocupação do Banco Mundial não se estende ao exame dos programas de reestabelecimento. Não há vontade política de se obter sucesso na reconstrução do Nordeste; programas bem-sucedidos envolvem um investimento contínuo de tempo, dinheiro e técnica. O provável resultado, uma pessoa que possa exercer pressão política para reivindicar um salário com que se possa viver, é completamente indesejável. No novo governo está na moda estudar a fome, debater a fome, publicar textos de seminários — até mesmo os de 15 anos atrás — sobre a fome. O único resultado visível de toda a tabulação é que esses brasileiros, a cada ano, têm ainda menos para comer.

Tradução: Paula Mageste



Museu de Arte de São Paulo

Cândido Portinari
Família de Retirantes.
1944

BIENAL: As Dimensões da Utopia e da Realidade

SANTAMARIA SILVEIRA

"Utopia versus Realidade" não é o tema da 19ª Bienal Internacional de São Paulo. "Na verdade é um simples título", explica Sheila Leirner, que para tornar ainda mais diluída a explicação, Sheila utiliza o cotidiano feminino: "É como se a Bienal fosse um bolo. As tradicionais misturam uma série de ingredientes obedecendo uma receita. A de São Paulo, ao contrário, não segue receita nenhuma e coloca na mesa os mais diferentes ingredientes. Cabe ao público fazer o bolo, abrindo inúmeras possibilidades."

A Bienal de São Paulo é diferente de suas similares: a Documenta de Kassel e a Bienal de Veneza. "Na primeira", analisa Sheila, "a visão do curador é limitada, pois ele convida quem quiser, geralmente artistas de altíssima qualidade. Por esse motivo, seus custos são três vezes superiores ao da nossa Bienal e seus resultados tendem à pasteurização. Não possuem a mesma energia e dinamismo. Já a de Veneza, segundo Sheila, reúne obras e artistas tradicionais dos pavilhões nacionais: "É uma feira com divisão geopolítica que segue rigidamente um tema".

Como curadora-geral da Bienal, Sheila é responsável pela elaboração do projeto e sua concretização, que envolve um trabalho tão intenso que é comparado por ela ao navio transportador.

Frases de Sheila Leirner

"A Bienal é um momento, uma fração, o fragmento de uma totalidade que, circunstancialmente ou não, equivale a essa totalidade — a arte universal!"

"Democracia em arte não é possibilitar uma participação massiva de artistas. É criar condições para que a arte seja representada de uma forma fiel à sua realidade!"

"O que pretendemos é subverter a sintaxe museológica da montagem, provocar dúvidas, novas reflexões, novas conceituações".

"Não se pode afirmar que uma exposição 'enterrou' uma tendência, ou ainda dizer que essa tendência é 'terminal'. Uma mostra tem apenas o poder crítico de apontar situações reais".

"Na Grande Coleção está o nosso museu: afetivo, pessoal, subjetivo, trágico. Conscientemente público e, ao mesmo tempo, responsável".

"A arte é metafórica, mas a crítica também o é. É uma exposição crítica de arte é a síntese dessa interação".

tado através da montanha por Fitzcarrald. Tudo começa com um convite a todos os países com os quais o Brasil mantém relações diplomáticas, 54 ao todo. "Através da definição do título da Bienal, procuramos influenciar na escolha das obras", admite Sheila, "mas não temos autonomia, pois são os países que financiam os artistas". Um exemplo dessa trama diplomática cultural: a Bienal quase ficou sem outros artistas alemães por ter escolhido Anselm Kiefer, considerado o mais importante artista europeu do momento, com obras que custam cerca de 400 mil dólares. As obras enviadas por decisão dos países e não por escolha da Bienal ficam nos "bolsoes", considerados o lado mais tradicional da mostra.

Para os artistas brasileiros, o processo de escolha é diferente. Através de um edital, a Bienal reúne dossiês de artistas de todo território nacional, cabendo à sua Comissão de Arte e Cultura escolher os que participarão. Entre os 23 brasileiros escolhidos neste ano, sete são mulheres: Márcia Grostein apresenta pinturas utópicas sobre regiões imaginárias do mundo; Karim Lambrecht, uma pintura que evidencia o gesto como energia e movimento; Georgia Creimer, instalações simbólicas; Cynthia Vasconcelos, oito pinturas sobre telas; Ana Maria Tavares, painel que revela colação e influência da "baixa cultura"; Eliane Prok, metamorfoses do papel (xilográfico) e Heloisa Pini, trabalho em aço, carbono e tecido emborrachado. Entre as estrangeiras, os destaques são a mexicana Maria Palau que trabalha com os temas ecológicos e místicos; a polonesa Teresa Mitskin, responsável por uma obra que retrata a realidade trágica da figura humana e a canadense Eleanor Bond que explora o fantástico na sociedade industrial.

Além da projeção, Sheila Leirner entende que a Bienal traz outras coisas positivas para o artista nacional: "Aproxima dele tudo o que existe de mais novo no mundo da arte e que, possivelmente, ele não teria acesso, caso não viajasse para o Exterior." Outro fator positivo é a comprovação de que tanto o artista brasileiro como o estrangeiro estão no mesmo barco. "A

arte é um sistema universal que não faz distinções de fronteiras", diz Sheila.

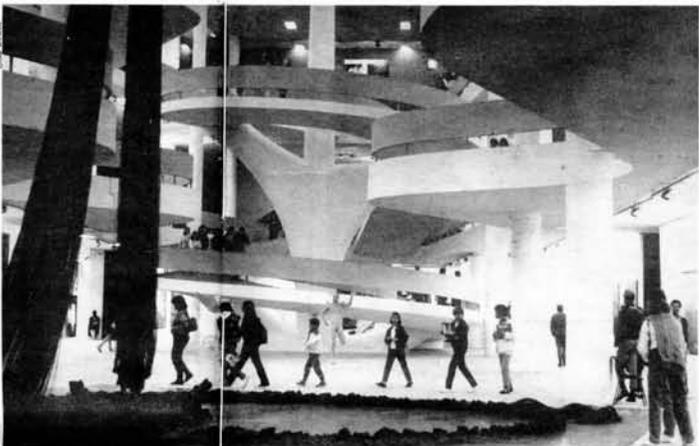
Arte discriminada

Mas apesar de fazer um resumo de tudo o que existe no mundo da arte — misturando estéticas, pintura, escultura, construções, vídeos etc. — a Bienal não é um evento só para críticos e artistas. Procurando dosar o novo e o popular, a Bienal deste ano trouxe artistas, como a família inglesa Boyle Joan, Mark, Georgia e Sebastiani, que executa um trabalho curioso: fotografia calcadas que são reproduzidas em fibra e expostas em painéis. "O público se interessa por essas curiosidades", afirma Sheila, "e é através destes apelos que conseguimos divulgar a arte, sem precisar popularizá-la". Neste ano, a Bienal deverá bater seu recorde de público até 13 de dezembro, quando encerra suas atividades. A expectativa está em torno de 300 mil visitantes, que percorrerão seus 32 mil metros quadrados.

Além do fôlego, o visitante precisa racionalizar a visita. Sheila Leirner explica que existe um roteiro lógico para ver a Bienal. Deve começar pelo térreo, onde existem dois segmentos: a arte relacionada à vida e a arte em relação à própria arte. Como divisor, figura a exposição com 75 obras de Marcel Duchamp, que dessacralizou a arte fazendo intervenções sobre objetos já existentes, caso da roda de bicicleta sobre um banco. "A colocação em diagonal de Duchamp é estratégica", diz Sheila, "pois ele simboliza a polaridade entre a realidade e a utopia". Na sequência, o visitante deve seguir o percurso das instalações, a grande coleção pós-moderna e os bolsoes.

Depois de exportar tanta novidade ao longo dos seus dezesseis anos, Sheila Leirner adverte, sem nenhum assombro: "A Bienal não tem nada de novo, como a arte, da qual é espelho. A última vanguarda que tivemos foi Marchel Duchamp." Com a tranquilidade de quem sabe o que fala, conclui: "A arte não é moda, seu processo exige um aprofundamento das questões, e quem ficar esperando novidade dela, está tendo uma postura superficial".

São mais de 3 mil obras produzidas por quatrocentos artistas, que ocupam 32 mil metros quadrados do pavilhão da Fundação Bienal em São Paulo. Tudo isso está ordenado dentro do pluralismo possível na utopia e na realidade.



Existe espaço para o Terceiro Mundo?

ANÉSIA PACHECO E CHAVES

Vou me restringir a investigar, na medida do meu possível o sentido da Bienal de São Paulo aproximando-a da Documenta de Kassel, considerada hoje, a melhor exposição de arte do mundo. A publicação da exposição alemã, diz: "naturalmente a arte do Terceiro Mundo, especialmente aquela da América Latina, merece ser vista com seriedade, mas está ainda demasiadamente envolvida com problemas regionais, ainda demasiadamente enraizada do estilo europeu e norte-americano, há muito ultrapassados em seus países de origem, para ter trânsito em qualquer lugar. Eles não são capazes de achar qualquer resposta para os problemas das sociedades industrializadas". Lembrou a ausência, na Documenta, de artistas do Terceiro Mundo e também da União Soviética. O artigo continua dizendo que o problema do Terceiro Mundo é a fome, que deveria ser seu tema, sua arte e, que não sendo a arte fenômeno universal, as suas motivações sócio-existenciais são intransferíveis, assim como é intransferível a maneira de aprendê-la. Não caberia, desta forma, apresentar numa exposição que se realiza na Europa desenvolvida e que gira em torno de problemas de países desenvolvidos, arte de países subdesenvolvidos. Embora seja dito que o exotismo e o colorido

da arte do "la bas" ou do Terceiro Mundo, são apreciáveis o que, na opinião apresentada, prevalece é a falta de originalidade formal e a imitação de elementos artísticos da história da arte europeia e, mais recentemente, norte-americana, tornando a produção do Terceiro Mundo sempre periferica àquela do primeiro, mesmo que, individualmente os artistas apresentem um bom nível.

É citada também frase de crítico norte-americano sobre a Bienal de São Paulo: "muito bem, muito bem, mas já vimos isso tudo em Veneza e Kassel". É isso aí. Nada mais inverídico do que atribuir como única preocupação dos artistas do Terceiro Mundo, a fome, isolando-a de problemas típicos de sociedades contemporâneas, industrializadas ou semi-industrializadas, como consumo, a destruição e poluição do meio ambiente e a transposição estética disso tudo. Essas são preocupações cruciais de inúmeros países subdesenvolvidos e de seus artistas. Não esquecer que no Brasil convive, ao lado da mais completa miséria, uma população de alto poder aquisitivo, responsável em número às populações da Bélgica, Holanda, Portugal e Suíça reunidas.

Novidades e Arte

É curioso observar que essa maneira de ver as coisas, até certo ponto "le-

miniliza", o Terceiro Mundo, já que é tradicionalmente sobre as mulheres, que tem recado a imposição de papéis sociais determinados e mais tratando-se de criação artística, de temas específicos que, supostamente lhes seriam próprios. Parece que para ser posto no "quarto" ou ser discriminado, de qualquer forma, é sempre preciso ser "um pouco mulher", reproduzindo, assim, a primeira dominação que se conhece, a do homem sobre a mulher. Mas estamos, de fato, imitando o Primeiro Mundo, ou talvez seja mais certo dizer que a rapidez com que circula a informação em nossos dias torna as barreiras culturais bastante relativas? Também parece importante lembrar que o Primeiro Mundo é, principalmente, a Europa (já que os Estados Unidos muitas vezes não são considerados países europeus, exceto União Soviética). O maior poder de absorver os estrangeiros está se fechando. Está defendendo o bolo, que se dividido daria um pedaço menor para cada um. O Primeiro Mundo, depois de, pelo menos dois séculos (nos casos de Espanha e Portugal) e mais de um século (nos outros casos) de colonização e uso da força de trabalho e da vida das gentes da África, Oriente Médio ou América (lembro dos senegaleses ou argelinos que lutaram pela França em duas guerras) não quer mais saber dos que vêm de fora partilhar suas riquezas.

Hoje a Europa diz: "Chega de imigrantes de cores variadas. Chega de facilitar a vida dos outros, criadores culturais, inclusive." "A cultura" exótica interessou na medida em que podia ser incorporada aos modelos europeus, como aconteceu, por exemplo, com a escultura africana e o cubismo ou em ilusórios intercâmbios culturais que acabam abrindo mercados de lá para cá. O que resultou, pergunto, em termos mercadológicos, dos prêmios ganhos por filmes brasileiros em festivais de cinema europeus? Mas onde fica nessa história a Bienal de São Paulo de 1987, a maior de todas como é anunciada? Como ficam as ambições culturais deste povo, majoritariamente composto de analfabetos ou semi-analfabetizados, em meio à ansia de informação que, em parte, a Bienal vem suprir; o sonho dos artistas, de talvez atrair o olhar competente de algum crítico desenvolvido que leve seus trabalhos "para lá"?... Mas isso ou acontece raramente. É mais ou menos como ganhar na loteria.

O que fazer dessa nossa cultura/artista? Como, dentro de "relação geral", resguardar algo civilizado e de nível internacional (ah, o nível internacional!). Onde encontrar a "Arca de Noé" que sirva para colocar aqueles a quem caberia preservar a cultura destas bandas? Será a Bienal parte desta "Arca de Noé"? Ou o Centro de Trabalho de Pesquisa (Cebrap) que está criando uma "Ecole de Hautes Etudes" de caráter privado (não confundir, por favor, com nenhuma Escola Superior de Guerra) diante, provavelmente, da falência da Universidade. Ou a "Arca de Noé" nacional/cultural recolherá o pensamento internacional sobre os grandes temas da atualidade filosófica/artística? Qual o sentido da cultura "pour quelques uns" financiada pela fome geral, o que sempre foi, mas que neste fim de milênio está deixando de ser problema ético das ideologias foram para o brejo e "on s'en fout" para se transformar em perplexidade.

A poderosa e perigosa cultura, analisada na última década libertária, passou a ser encarada como insignificante e inofensiva diante do resto... Nunca, é claro, o mercado foi tão aberto e existiram tantos consumidores culturais, mas na mixórdia geral, os puristas perdem o pé e não conseguem distinguir entre a tradicional cultura erudita e a chamada cultura de massa. O que é, afinal de contas, a Bienal? Se Kassel procura resguardar a pureza/integridade, não mais da raça, mas da qualidade cultural (e de vida) do Primeiro Mundo, o que tudo leva a crer, a longo prazo, será impossível nestes tempos de informática e acelerado trânsito internacional dos miseráveis do mundo e de sua incultura, a Grande Feira/Bienal, apesar dos prêmios desenvolvidos/mentistas/racionalistas, passa a ser uma maquete/símbolo da confusão. Ou não?

Anésia Pacheco e Chaves é artista plástica



Marta Palau



Cotidiano Feminino, Venezuela



Gustavo Naxier



Işabela Gutowska

Ruth Escobar, Marta Anderson e Wanda Marchetti. Elas têm mais coisas em comum do que a profissão de atriz. Todas tiveram uma vida amorosa tumultuada, casaram para sair de casa e demonstram um enorme desejo de ser famosa. Este artigo é o terceiro da série "Memória feminina contada em livros".

MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT

Diário de uma atriz: reminiscências, perfis, estórias (1902-1976) s.l.p Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, Serviço Nacional de Teatro, s.d. 176 p.

Esther, filha do professor ítalo-suíço Luiz Marchetti, espiritualista, seguidor de Alain Kardec, e da professora de piano e francês Hermínia, radicados em São Carlos do Píthul, interior de São Paulo, nasceu em 1902. A vida de poucos recursos levou os Marchetti a transferirem-se para São Paulo. Incomodada pela reclusão e vigilância familiar, a jovem já sonhando em ser atriz, arranjou trabalho em uma bomboniere. Após três dias de namoro e com 15 anos de idade, Esther

decidiu seguir o ex-advogado, ator e cançonetista Luiz da Silva Filho para a vida no palco. Descoberta a foragida pela família, foi submetida a um exame para verificar se ainda era virgem. Constatada a existência do homem, foi perguntado ao ator se desejava casar-se com a moça. Iniciou-se assim o "duo Silva Filho", composto por Luiz e Esther, que percorreu o interior do Brasil levando teatro mambembe de trem, de carroça e até a pé (durante a revolução de 1924); dormindo e representando nos mais variados palcos e para os mais diferentes públicos: jagunços, ciganos e fiéis (durante a Semana Santa); tendo entre um espetáculo e outro quatro filhos que eram criados pela avó mater-

na. Com a morte prematura de Luiz inicia-se a carreira ascendente da atriz Wanda Marchetti, nome que recebeu de Oduvaldo Vianna, quando estreou na Companhia Dulcina-Odilon. O banho de loja, o trabalho com um bom diretor, os elogios da imprensa fizeram de Wanda uma verdadeira estrela, cujo brilho resplandecia até mesmo na própria boca, quando mandou colocar brilhante em um dos dentes.

Sua beleza e sucesso deixaram vários homens enfeitiçados. Com alguns deles chegou a viver, gozou as delícias do dinheiro: mansão, jóias, viagens etc., além do sustento dos filhos. Amor, paixão sentiu aos 50 anos, por um jovem ator de 25 anos mais moço. O romance era correspondido, porém problemas familiares impediram que durasse.

O mundo dá muitas voltas, as horas passam: representou em circo, foi dona de cabaré, vendeu mingau para artistas no teatro Santana. foi

atriz dos filmes de Mazaropi e em pornochanchadas e trabalhou em um orfanato para cuidar de crianças até aposentar-se como atriz.

O livro foi escrito quando tinha 74 anos. Sem um fio cronológico condutor, mas através de pequenas histórias

(ou capítulos), perfaz com detalhes preciosos, a vida de atriz dentro e fora do palco (de teatro, rádio, televisão e cinema), entre 1917 e 1976. A parte final do livro é dedicada a pequenas biografias de atores, atrizes, diretores e companhias.



Marta Anderson

Memória dos palcos:

Maria Ruth
Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987, 222 p.

Maria Ruth Santos nasceu no Porto (Portugal) em 1935, foi criada pela mãe, estudou em colégio de freiras onde conheceu os primeiros prazeres do sexo nos braços de uma colega de classe, e onde quase morreu de vergonha ao saber que seu pai possuía outra família, a legítima, cuja filha "verdadeira" estudava na mesma escola. Além dos ensinamentos habituais a escola lhe deu as primeiras lições de palco, quando representava para uma platéia seleta, autores clássicos portugueses. Fazia, então, o papel de Diaba.

Mãe e filha mudaram-se para o Brasil. Com o 3º clássico incompleto, querendo sair de casa, aceitou a proposta de casamento de um colega de trabalho que queria ajudar a "menina" a libertar-se.

Dona do próprio nariz, empreendedora, inventa uma publicação para a colônia portuguesa, *Ale Arriba*, que *lhe transformou em jornalista* aos 18 anos. É o período do Salazarismo, da luta pela independência das colônias portuguesas do oriente. Maria Ruth aprende o ofício de jornalista ao fazê-lo, dando algumas mancadadas, obtendo porém sucesso, que lhe valeu uma entrevista com Salazar e

uma viagem para Moçambique baixo a benesses do ditador. Intrépida, quebrou a etiqueta dos anfitriões coloniais, sendo obrigada a fugir pelas selvas africanas com um caçador de elefantes.

Nesta altura, já separada do marido, esquecida do palco londrino a quem jurara amor eterno, retornou ao Brasil, passando antes pelo Egito, onde entrevistou Nasser.

A viagem de volta-aomundo mexeu com as verdades da menina portuguesa e a lógica do mundo ocidental cristão. A certeza de querer ser atriz cristalizou-se. Em 1957, casada com Carlos Henrique Escobar, adotou-lhe o sobrenome, seguiu para a França onde fez um curso de teatro e várias mandracarias para sobreviver. De volta ao Brasil, já como Ruth Escobar, maridos, filhos, apresentações teatrais se sucedem. Os filhos somam 5; maridos e namorados, inúmeros; prêmios pela atuação no teatro, vários, e duas eleições para a Assembléia, vitoriosas.

O livro narra a vida desta *self-made woman*, algumas vezes avassaladora e alucinada, como deve ter sido a vida dos conquistadores espanhóis que chegaram ao novo-mundo, e sua luta incessante para superar-se, provar-se, estar em evidência. Escalada às vezes suicida, que chega a

deixar o leitor em estado de pânico, tal a força de destruição.

A paixão amorosa, carregada de detalhes, merece destaque especial tendo talvez um peso maior que a paixão profissional. Aqui, a artista-empresária prevalece à política. A relação com os filhos é apresentada através de cartas trocadas com eles em períodos diversos.

Faz falta no livro uma boa documentação fotográfica, sugestão para uma próxima edição.



Eu, Marta Anderson — Marquesa de Vila Velha
Rio de Janeiro, Memórias Futuras Edições, 1984, 196 p.

O início do livro parece um filme do Spielberg: A mãe que chora em todos os enterros da cidade e trabalha num posto-de-saúde onde aparecem espíritos de crianças que chegam, inclusive, a lhe telefonar quando está em casa; o irmão, médico, que guarda em seu quarto fibromas, pedras de rins. A descrição da casa e dos arredores, "puxados", reformas sem fim, cômodos super-postos (com triplicatas de banheiros e cozinhas), onde as torneiras e descargas são enfeites de parede pois a água nunca foi li-

AS ATRIZES

gada, continuam num clima "Além da Imaginação".

Depois de apresentar ao leitor os seus familiares, a sua casa e o bairro do Paúl em Vila Velha (ES), Marta Anderson se detém na sua trajetória de atriz desde que saiu de sua casa como Sonia Marta Anders, ex-baliza de 7 de setembro, ex miss Espírito Santo e foi tentar a vida no Rio de Janeiro, mais precisamente na TV Globo, onde trabalhou nas novelas *O Bem Amado* e *O Pulo da Gata*, dentre outras.

A partir daí o livro oscila, sobretudo pela forma da narrativa, entre a tragédia e a mais hilariante das comédias, com chistes, jogos de palavras e tiradas imperdíveis: o casamento para sair de casa e a "lua de merda"; a violência do segundo marido que a manteve em prisão doméstica; a luta para conseguir a guarda do filho após a separação; a filmagem de uma pornochanchada com Carlos Reinchembach; o estupro (na vida real) por um bicheiro; o caso de amor pela bela executiva de olhos cor de jabuticaba; o empresário mau caráter; a "cafetina eletrônica"; e a doença que lhe marcou o corpo e a alma (quando passou a ter visões sucessivas de seres extra-terrenos! e a obri-

gou a frequentar as filhas do INPS.

O nome Marta Anders, segundo artigo do *Jornal do Brasil*, foi inventado por Carlos Machado. Segundo a mesma reportagem "Sonia Marta Anders é o produto de alemão paterno e negro-indio de sua mãe. Formas de mulata debaixo de uma pele branca e cabelos grafite (quando não estão pintados para trabalho)". As fotos reproduzidas no livro apresentam, de fato, uma mulher belíssima e sensual pelo que recebeu o nome de a "Marilyn Brasileira".

Além das duas novelas citadas, Marta Anderson trabalhou em *O Espigão*, no filme *Dono Flor e seus dois maridos*, e na peça *No sex...please*, dirigida por Flávio Rangel. Só para localizar no tempo, Marta Anderson não informa sobre a sua idade. Como aprendeu rudimentos de Latim na escola, deve ter nascido entre 1940-45.

Maria Lúcia de Barros Mott é membro do Conselho Editorial do Mulherio e pesquisadora do Centro de Estudos de Demografia e História da América Latina/USP e Fundação Carlos Chagas.

COR PÚRPURA COM REALISMO

Incidents in the Life of a Slave Girl Written by Herself
Incidentes na Vida de uma escrava escrito por ela própria

Harriet A. Jacobs
Cambridge, Harvard
University Press, 1987

LUIZ MOTT

O livro *Incidentes na vida de uma escrava escrito por ela própria* representa um marco importantíssimo na literatura internacional, pois até então só conhecia uma única autobiografia escrita por um escravo, (Frederic Douglas, 1845), sendo que o livro de Harriet Jacobs além de revelar aspectos dramáticos do regime servil norte-americano, é um verdadeiro opúsculo feminista, onde a autora descreve com cores vivas e linguagem espontânea sua dupla luta, pela liberdade enquanto pessoa humana e pelo respeito enquanto membro do "sexo frágil".

Harriet Jacobs nasceu na Carolina do Norte em 1813, sendo alfabetizada por sua proprietária e criada por uma avó materna tornada liberta. Viveu como escrava doméstica de uma família pequeno-burguesa, cuja proprietária, tão logo a bela negrinha se torna adolescente, "morre" de ciúmes que seu esposo concretize seu desejo de fazê-la sua amante. Aos 17 anos, já com dois filhos tidos com um negro livre, foge da propriedade de seu senhor, passando sete anos escondida num cubículo, até que consegue escapar para Boston e Nova York, sem contudo fazer-se acompanhar por suas crianças.

O livro é a narrativa emocionada e emocionante de sua insólita vida: sua infância, transferência de donos, o triste episódio que presenciou vendo sete filhos de uma escrava serem vendidos sem que a mãe pudesse saber para onde estavam sendo transportados, o ciúme de sua proprietária, seu primeiro amor pelo pai de seus filhos, sua gravidez, parto e problemas familiares. Ao todo são 41 capítulos curtos onde analisa também de maneira crítica o relacionamento da Igreja Episcopal com a escravidão, o preconceito de cor, os pro-

blemas técnicos da fuga.

Até 1961, os críticos e historiadores tinham dúvidas se tal narrativa era autêntica ou fruto da imaginação de algum abolicionista. Só então descobriram cartas autênticas da própria Harriet Jacobs para sua editora, Mary Child, uma das precursoras do feminismo nos Estados Unidos. Usando o pseudônimo de Linda Brent, a ex-escrava primeiramente publicara diversas cartas de denúncia da escravidão em jornais do Norte, somente em 1861 conseguindo, após muitas batalhas, que sua autobiografia fosse publicada como livro. Teve vida de militante abolicionista, trabalhando inclusive em Rochester com o próprio F. Douglas, no jornal anti-escravista *The North Star*.

A atual editora desta autobiografia, Jean Yellin é professora na Pace University de N. York e conseguiu localizar diversos documentos, fotos, e manuscritos comprobatórios da autenticidade da autobiografia e que enriqueceram certas informações do livro. Tais documentos vêm reproduzidos no livro.

O texto original da ex-es-

crava é dramático, muitas vezes misturando citações bíblicas com discurso candente dos abolicionistas, tornado ainda mais pungente pelo seu questionamento à moral sexual branca, que considera inadequada para as mulheres negras: Jacobs é também revolucionária sexual. "Falo como uma pobre mãe escrava e

conto não o que me disseram, mas o que vivi e sofri. E se isto despertar alguma simpatia, que seja dirigida para milhares de mães escravas que continuam ainda na escravidão".

Considero oportuníssima a tradução desta obra, posto não dispormos para a América Latina nenhum relato autobiográfico de escravos, e que apesar da diferença do escravismo norte-americano, notamos muitas recorrências na exploração - inclusive sexual - dos e das cativas tanto no Norte quanto no Sul do continente. Este livro há de despertar particular interesse entre os historiadores que pesquisam escravidão, negritude, abolicionismo e entre

as feministas preocupadas com exemplos concretos de dominação machista e resistência emancipadora. Esta obra permite duas leituras: o público em geral se contentará com a narrativa original da ex-escrava, em estilo simples e melodramático; os especialistas ficarão deliciados com a erudita introdução da editora e ricos anexos que compõem o apêndice. Publicação urgente, para ser aproveitado no Centenário da Abolição no próximo ano.

Luiz Mott é professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia



Escravidão Feminina na África

SELMA ALVES PANTOJA

A contrário do que ocorreu no Brasil e no resto das Américas, a demanda de mulheres foi sempre maior do que a de homens no mercado africano de escravos. Tradicionalmente se buscou explicar este fato pela condição feminina de procriação.

De um ponto de vista mais recente, Claude Meillassoux, autor do excelente *Mulheres, Celeiros & Capitais* (editado em Portugal pela Afrontamento, 1976) formalizou a teoria de que era justamente em função de sua capacidade reprodutora que se dava a submissão da mulher, o que a tornava, além disso, um elemento submisso também na produção.

A preferência pela escrava justificava-se na medida em que o trabalho produtivo feminino sempre foi predominante em todo o continente

africano. Na África, é comum o trabalho físico, pesado, como tarefa feminina, ao contrário do mundo ocidental cristão, em que a imagem de fragilidade feminina foi sempre incompatível com trabalhos pesados e atividades guerreiras. A 'nobreza' da mulher frágil foi sempre esquecida pelas classes dominantes ocidentais.

A importância da mulher na escravidão africana é bem maior do que se pode imaginar. A maioria dos escravos na África subsaariana era de mulheres, mas os estudos sobre a escravidão neste continente consideram escravos exclusivamente os homens.

Além disso, a visão habitual é que os proprietários e usuários dos cativos eram, na maioria, homens. Seria possível afirmar que a maioria dos proprietários de escravos eram homens, mas que uma grande percentagem de usuários eram mulheres.

Esta perspectiva aponta a configuração de um contexto em que a mulher não era somente vítima ou participante passiva na escravidão. As mulheres livres nestas comunidades, na sua maioria, tinham suas propriedades separadas dos maridos. A função principal do trabalho da escrava era, de preferência, produtivo.

Uma característica da escravidão feminina era a frequente assimilação da escrava. Isto, considerado do ponto de vista dessas sociedades agrárias, resultava de vários fatores, sendo um deles a sua função reprodutora. Por exemplo, a escrava era sempre incorporada ao grupo quando tinha um filho do seu senhor. Outro fator, seria a 'socialização submissa' comum em muitas sociedades, onde as mulheres eram e são ensinadas a obedecer aos homens. A facilidade de incorporação da escrava se opõe

aos casos dos escravos que percorriam outros caminhos na busca de sua liberdade, por exemplo através da aquisição de um outro escravo ou de esposas.

Se, por um lado, as mulheres conseguiram sua liberdade através de sua função reprodutiva, por outro, eram presas por estas mesmas funções ao se recusarem, frequentemente, a abandonar seus filhos. As mulheres, como em outras sociedades, cumpriam função não só de reprodução biológica, mas também de reprodutora das relações sociais.

Selma Alves Pantoja é pós-graduada na Universidade Federal do Rio de Janeiro, pertence à equipe do projeto *Guia de Fontes da História da África, da Escravidão e do Negro na Sociedade Atual*.



Giovanni Bellini. Madona e menino

Sexo e Destino: A Política da fertilidade humana
 Germaine Greer
 Rio de Janeiro, Rocco, 1987

MARIA CARNEIRO DA CUNHA

Desde que foi lançado em 1984, *Sexo e Destino*, de Germaine Greer, tem provocado polêmicas, o que corresponde aos desejos expressos pela autora na introdução: "a função principal da literatura e até da polêmica é a de estimular o pensamento, especialmente o criativo. Isso significa introduzir confusão em vez de certeza, diluir conceitos, para que possam ser modificados." É indubitável que essa obra, que pretende ser uma reflexão sobre a procriação, contrasta agudamente, em suas teses, com o já clássico *A Mulher Eunuco*, escrito por ela na década passada. O fato não passou despercebido aos conservadores, que o apontaram como a prova mais cabal de que as feministas (todas enfiadas no mesmo saco, sob um único rótulo) não sabem mesmo o que querem. Assim, Germaine Greer foi por eles tratada como uma ovelha desgarrada que retorna ao redil.

Essa interpretação se justifica, pois o livro, se não é inteiramente reacionário quanto às intenções, reforça, em muitos aspectos, os pontos de vista tradicionais sobre a sexualidade e a reprodução humanas. A começar pelo título que lembra a célebre frase de Freud de que "anato-

mia é destino". Sexo e procriação voltam a ser tratados como coisas indissolúvelmente ligadas, a maternidade é mostrada como aquilo de mais enriquecedor que as mulheres devem pretender e as exortações à castidade substituem os "slogans" sobre revolução sexual. Nestes mornos anos 80, não é a primeira nem será a última vez que ouviremos tais discursos, que fazem as delícias de João Paulos e Reagans.

No caso presente, entretanto, várias indagações se colocam: até que ponto a autora teria razão em optar por essa reformulação drástica de conceitos, onde estariam as raízes dessa virada e como elas poderiam ser encaradas dentro de uma perspectiva feminista? Talvez a resposta pudesse se resumir a uma só palavra: desencanto. A autora está profundamente desencantada com os valores da sociedade em que vive (a do Ocidente rico) e se revolta porque eles estão sendo impostos às sociedades tradicionais que ainda subsistem, com base no mito do desenvolvimento. Sob esse aspecto crítico, ela nos transmite os traços de um retrato em que não há muito o que retocar e nos torna solidários de sua indignação em relação às políticas de controle de natalidade, concebidas nos países prósperos para os países pobres, sob o pretexto de superpopulação. Este é um conceito abstrato ideologicamente manipulado, pois, por seu padrão de consumo, um só norte-americano equivale

a cinquenta hindus ou africanos como predador de recursos naturais. Segundo ela, apesar de alguns dos executantes dessas políticas estarem imbuidos das melhores intenções, é um abuso querer impor aos outros, valores que não têm feito as pessoas do Ocidente mais felizes.

Desencanto com a Revolução Sexual

Para Greer, a sociedade ocidental, em sua ojeriza às crianças, está fadada à esterilidade em meio à riqueza material. Talvez seja nesse ponto que o retrato começa a ficar distorcido pelo excesso de indignação, que se traduz por uma escassez de reflexão. A começar pela atribuição de todos os males do Ocidente a uma só causa: sua forma de encarar a procriação. Ela não só recorre a uma argumentação frouxa e sentimental, mas vai mais além: tudo o que difere dos valores ocidentais contemporâneos é encarado com lentes róseas e sem resquícios do espírito crítico a eles aplicado. As sociedades tradicionais são apresentadas como o lugar paradisiaco onde as pessoas, mesmo sendo pobres e miseráveis (pobreza e miséria em grande parte provocadas de fora), são muito mais felizes, onde todas as crianças são sempre desejadas, onde todos são solidários e não há conflitos internos.

Como, porém o conceito de felicidade é extremamente variável, ela acaba caindo no mesmo etnocentrismo que parece criticar. Essa visão dicotômica — catastrofista em relação ao Ocidente e idílica quanto às sociedades tradicionais — leva a autora a desfiar um rosário de contos pretos e brancos e a um impasse, ao colocar como modelos a imitar as estruturas — sobretudo a da família extensa — em que se baseiam as sociedades tradicionais. Não indaga se elas seriam igualmente funcionais para as sociedades pós-industriais, nem esclarece como se daria essa evolução (ou involução?).

A mesma visão maniqueísta obscurece a situação real das mulheres dentro das diferentes sociedades. É uma posição que se aproxima sintomaticamente de outras "reviravoltas" recentes adotadas por algumas conhecidas fe-

ministras reformistas. Ao propor apenas a "igualdade" para a mulher, sem propor modificações substanciais no sistema em que elas estão inseridas, teriam mesmo que chegar onde chegaram: à constatação de que os ganhos obtidos não compensam o enorme esforço voluntarista despendido. Onde estariam os furos de suas propostas? Talvez o mais importante seja o de conceituar igual como "igual ao homem", colocando este de forma imobilista e tomando sua posição como ideal e modelo. Ser igual ao homem neste sistema é obviamente se dedicar a uma "carreira" e ser extremamente competitiva para obter êxito profissional. Mas enquanto os homens sempre contaram com um forte apoio afetivo e logístico no âmbito da família tradicional, este faltou à "nova mulher", pois raramente "novos homens" se dispunham a cumprir o papel que cabia às mulheres anteriormente, porque isso implicaria em desvantagem no âmbito profissional. Num mundo competitivo, o cuidado com as crianças torna-se também bastante problemático, se não se criam novas estruturas (dentro ou fora da família) para desempenhar essa função primordial. Nada de estranho, pois, que elas se tornem menos desejadas (o que Greer fez foi apontar como causa o que é consequência).

Diante do êxito limitado das teses reformistas, muitas se desencantaram (é duro ser supermulher); outras, porém, procuraram enxergar um pouco além, em vez de confiar alhos com bugalhos. Para quem considera o feminismo como um fermento de modificações possíveis e desejáveis (mas não milagrosas) e não como uma meta a atingir, sempre esteve claro que a situação da mulher é de tal complexidade, que nenhuma transformação profunda é possível num campo (no caso, o da família) sem que ocorram transformações paralelas em outros, como a esfera do trabalho. Trata-se de mudar não só a ordem econômica, mas toda uma visão de mundo, porque num ponto, concorda-se com Greer: ou esta sociedade se trans-

forma ou perecerá.

Se muitas mulheres se sentiram frustradas, foi porque desejaram o poder tal como existe agora, e ele não veio ou foi pouco e para poucas. Daí essa idéia saudosista de que antes elas detinham algum poder, pelo menos na esfera da família — encarnando exclusivamente o papel de mães — e até este elas perderam, ficando de mãos vazias. É uma ilusão regressiva, pois na sociedade tradicional, como nas outras, quem detém o poder na família e sobre a procriação são os homens e não as mulheres e, se às vezes eles delegam a elas, é porque lhes convém, isso não significa que seu controle cesse.

Talvez seja essa ilusão que faz Greer propor a castidade como o melhor método para controlar a natalidade, no que coincide com a Igreja Católica e com Malthus. Todos os meios anticoncepcionais são apresentados como prejudiciais ou ineficazes, com poucas nuances. E ela não questiona porque eles são uma coisa ou outra numa época em que a biotecnologia chegou a um alto grau de sofisticação e se pratica a concepção "in vitro". Nessa visão, é o destino (ou a eterna natureza) que comanda a vida procriativa das mulheres, e não uma vontade política. Quando o presente e o futuro são apresentados como becos sem saída, nada mais resta como opção do que voltar aos velhos bons tempos.

Segundo Greer, devemos voltar ao mundo tradicional, onde ao menos éramos honradas como mães. Só que ela esquece de dizer qual é o preço (porque sabe que não o pagará). As mulheres do Irã, perseguidas por aiatolás, as sexualmente mutiladas da África ou as esposas hindus assassinadas por maridos ávidos de acumular dotes, que o digam. Retomando a frase inicial da autora, pode-se concluir que ela conseguiu introduzir nesse livro uma dose apreciável de confusão. Quanto a um pensamento criativo, deixou muito a desejar.

Maria Carneiro da Cunha é jornalista em São Paulo

O processo de crescimento através dos mitos

SHE a Chave do entendimento da psicologia feminina

Robert A. Johnson
São Paulo, Mercuryo, 1987

HE a Chave do entendimento da psicologia masculina

Robert A. Johnson
São Paulo, Mercuryo, 1987

AGOSTINHA ZERO HASHIMOTO

A leitura de *She* e *He*, de Robert A. Johnson nos faz sentir imensa vontade de romper as barreiras do tempo, do espaço e do mito. Isto nos permitiria apresentar Psiquê a Parsifal e assistir, quem sabe, ao nascimento de um novo tipo de relacionamento humano e amoroso, fruto do encontro de dois seres que foram capazes de crescer e atingir a maturidade, realizando o processo de individuação através do qual cada pessoa realiza plenamente as possibilidades que lhe são inerentes). É deste processo de crescimento, na mulher e no homem, que o autor trata em seus dois livros.

Em *She*, através da análise do mito grego de Eros e Psiquê, sob a ótica dos conceitos Junguianos, nos fala da condição feminina e dos passos que levam a mulher a um estágio de completude inte-

rior. Muitas tarefas (explícitas e aprofundadas nos capítulos finais do livro) deverão ser realizadas para que tal completude seja alcançada. Psiquê foi "uma mulher atingida por algo muito maior do que as sensações rotineiras do ser humano". Ao se apaixonar pelo deus Eros, vislumbrou um estado de ser além do pessoal, além da consciência. Foi tocada pelo divino.

Em nossa sociedade ocidental contemporânea, tão pouco afeita às dimensões espirituais do ser, o apaixonar-se aparece às vezes quase como a única forma ainda possível de entrarmos em contato com o transcendente.

No momento em que vê Eros pela primeira vez e descobre que ele é um deus, Psiquê o perde, pois ele lhe havia proibido acender a luz (da consciência?) para vê-lo. Só poderá tê-lo de volta quando se tornar também uma deusa, o que implica em uma mudança de nível. Ou seja, quando tiver seu desenvolvimento interior completado, a divindade assimilada (sua completude andrógina) lhe possibilitará amar (e a diferença entre amar e estar apaixonada é fundamental) Eros

como igual. E para ter esse desenvolvimento completado Psiquê deverá integrar o seu animus (conjunto de características psicológicas masculinas, latentes em todas as mulheres) que passará a agir como mediador entre o seu ego consciente e o mundo interior inconsciente, regulando criativamente o seu relacionamento com o mundo exterior e com a dimensão espiritual do seu ser.

O mito de Parsifal tem origem na Idade Média e está ligado ao rei Arthur e aos cavaleiros da Távola Redonda. Parsifal é um dos cavaleiros que saem à procura do Graal, cálice sagrado utilizado na Santa Ceia. Em *He*, ao analisar este mito, o Autor aborda as principais etapas do crescimento psíquico e espiritual do homem, ao mesmo tempo em que nos propicia uma visão dos aspectos mais significativos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, entre os quais o conceito de individuação é ponto focal.

A perda do Graal é a perda da conexão interna e por isso a sua recuperação é tarefa tão imprescindível. A busca do cálice sagrado representa o próprio processo de individuação na psique humana, processo esse que leva ao ser

total, cuja meta é a plenitude e não a perfeição (o que alarga sobremaneira os horizontes!). E se lembrarmos que sempre que a humanidade está para atingir um novo estágio de desenvolvimento, torna-se necessário o surgimento de um mito sustentatório das formas de vida emergentes, devemos assinalar que o mito do Santo Graal teve sua origem quando "o lado feminino do homem estava começando a atingir a consciência". Assim como Psiquê precisou integrar seu lado masculino para realizar sua inteireza, também Parsifal teve que integrar a sua anima (conjunto de características psicológicas femi-

nas latente em todos os homens) para se sentir realizado. Os passos fundamentais em direção a essa totalidade nos são descritos por R.A. Johnson com profundidade e beleza. É verdade que podemos detectar alguns deslizes em afirmações como "o homem não é bastante apto para encontrar um significado para si mesmo", "um homem dominado pela sua anima age como uma mulherzinha carente", ou ainda, "uma esposa (extremamente reduutivo, não?) ajudará muito se conseguir usar de paciência para com o homem quando ele estiver a mercê de humores tentando entrar em contato com sua anima". Mas são escolheções que não prejudicam o todo, principalmente se conseguirmos situá-los no contexto mais amplo da obra, para além das aparências.

Agostinha Zero Hashimoto é historiadora, astróloga e estudante de Psicologia



Família, palavra plural

Pensando a família no Brasil, da colônia à modernidade
Vários autores
Rio de Janeiro, Espaço e Tempo/UFRJ, 1987

MIRIAM MOREIRA LEITE

Os estudos sobre família vêm florescendo desde a década de 70. Este Seminário é um resultado importante dessa florada de teses universitárias, grupos de pesquisa e núcleos interdisciplinares de trabalho em Ciências Sociais. A maior parte dos trabalhos produzidos ou em andamento parece responder a algumas indagações principais: A família está em crise? Existe uma nova família? Existe uma ou diversas famílias?

O caráter histórico do título e do projeto da capa propõe respostas nessa direção.



Contudo, os levantamentos, discussões e análises contidas no volume, embora enriqueçam o conhecimento sobre as famílias brasileiras, acrescentando-lhes condições históricas, sociais, psicológicas, normativas e políticas, não deixam ainda muito claro o que permanece e o

que se transformou. As diferentes maneiras de pensar as famílias no Brasil, não só se aprofundaram, como tornaram mais complexo o entendimento dessa instituição social, resgatada do plano das questões irrelevantes por uma perplexidade generalizada diante da situação atual.

Os clássicos padrões de família apresentados por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e depois por Antonio Candido são recuperados em vários artigos, como se tivessem estado esquecidos. O número de suas edições e citações mostra que não houve esse esquecimento. Mas são retomados agora, não mais como descrições discutíveis de condições reais, e sim como uma forma de matriz que permeia as esferas do social, com uma ética que acabou se ligando às demais organizações familia-

res encontradas nas pesquisas. As modalidades de família nuclear foram reapropriadas ou articuladas pela mentalidade da família patriarcal. As organizadoras desta coletânea trabalharam com muita lucidez este problema.

Os trabalhos de caráter histórico são de autoria de Eni de Mesquita Samara (USP), Margareth de Almeida Gonçalves (CESASB-RJ), Angela Mendes de Almeida (UFRJ) e Katia Muricy (PUC-RJ). Discutem fundamentalmente a família nos séculos XVIII e XIX, com análises do papel da mulher, dos expostos, dos aspectos da família patriarcal e sua desagregação e permanência no final deste último século.

Os trabalhos sobre a família "moderna" foram escritos por Gilberto Velho (Museu Nacional - UFRJ), Sérgio Augusto Figueira (PUC-RJ), Leila Linhares Barsted (IUPERJ) e Roberto da Matta (Museu Nacional - UFRJ). Aqui, a discussão introduz a questão da subjetividade, o

pensamento da família como o local da construção dessa subjetividade e a ampliação da família nuclear pela incorporação de amigos, criados e pela articulação de várias gerações de famílias nucleares.

A permanência da família, acrescida pela parentela é considerada um valor na sociedade brasileira atual, no estudo do nepotismo dos atuais governantes, apresentado por Roberto da Matta. Lança mão ainda de seus conceitos de casa e de rua para "tipificar a organização doméstica brasileira... em sua capacidade simbólica de tudo agregar e de ter vários modelos de vida doméstica em múltipla e franca relação, todos mais ou menos autorreferidos, como um jogo de espelhos."

Miriam L. Moreira Leite é autora do livro *Outra Face do Feminismo e membro do Grupo de Trabalho Família & Sociedade (ANPOCS).*

O enigma da mulher

O Feminino: Aproximações
Coordenação de Joel Birman e Carlos Augusto Nicéas Rio de Janeiro, Campusp, 1986

MANI ALVARES

Atenção voltada para o que é o feminino, nesses últimos tempos, vem encontrando eco entre os psicanalistas, especialmente os lacanianos, talvez porque seja o feminino, por excelência, a grande questão da psicanálise. Aliás, esta teria sido a maior herança deixada por Freud, e repassada, por ele próprio, aos poetas.

"Que ninguém entre aqui se não procura a mulher..." frase que poderia estar inscrita na porta de todos os psicanalistas e citada num dos textos apresentados neste livro (1), significa a própria busca do sujeito psicanalítico, cindido em dois e sob o efeito das representações que o constituem.

Essas "aproximações" ao feminino foram organizadas em duas partes, sendo que a primeira consta de um estudo sobre as metamorfoses da histeria, desde os gregos até nossos dias, através da visão histórica da autora. Já o segundo texto é uma apresentação crítica de pesquisas sobre os cultos afros no Brasil, a partir dos quais se desenvolve uma tese de que estes teriam constituído um campo exclusivamente de domínio da mulher.

Na segunda parte do livro, autores psicanalistas tratam o "enigma feminino" através de aproximações, com as quais tentam resgatar não só o feminino, mas a própria psicanálise, enquanto lugar da pergunta fundamental do sujeito sobre o seu sexo.

No desenrolar da histeria das superstições, na qual a mulher suportou o peso de todas as maldições possíveis, de brexá a puta, foi preciso

que surgisse um saber próprio para escutar a verdade que saía da boca da histeria, e que Freud foi o primeiro a ouvir com os ouvidos desse novo saber. Assim nasceu a psicanálise.

No texto que dá início ao livro, "A alma, a mulher, o sexo e o corpo", de Cláudia Swain, se introduz o tema que permeia todo o livro, e que é a dificuldade em se encontrar uma essência para o desejo feminino, o específico da mulher, um significante que a define. Nesta impossibilidade, que a histeria simboliza com o teatro de seu corpo, só existe uma certeza: "não há paz com a carne".

Neste inconciliável reside uma especificidade própria e paradoxal, e que no texto seguinte, de Patricia Birman, "Serem que viram outros", se apresenta como a despossessão do corpo vivido nos terreiros de candomblé. A tese defendida por Ruth Landes em *A cidade das mulheres* e comentada pela autora, neste trabalho, é que os terreiros seriam um domínio de mulheres, ou mais especificamente, do feminino.

Isto porque o contato com os orixás se daria através da "possessão", e as mulheres, assim como os homossexuais, seriam naturalmente aptos a "virar o santo". Ao contrário, o homem "não virá" porque plenamente constituido, ele é senhor de si e de sua consciência. Já o homossexual, na medida em que "perde em nitidez, e ganha em ambigüidade", pode incorporar espíritos e orixás.

Esta é a mesma ideia desenvolvida no trabalho anterior sobre a histeria, e que mostra a mulher, enquanto receptáculo de uma força que a arrebatava, a expressão de

uma verdade mais geral, e que somente nela se torna patente.

Na seqüência, o texto de Carlos Augusto Nicéas, "Primado do Falo e Castração Feminina" se apresenta como um marco esclarecedor das más leituras que se fizeram de Freud sobre a feminilidade, inclusive entre seus próprios seguidores. Neste texto o autor retoma a pergunta "o que quer uma mulher", sob o referencial da teoria de Freud, e refaz o percurso de sua investigação de 1905, quando ele escreveu seus ensaios sobre a sexualidade, até 1932, quando definitivamente reconheceu que era preciso

esperar que novos conhecimentos trouxessem alguma luz sobre o "enigma" do sexo feminino. Ele havia esbarrado num "feminino inaceitável para ambos os sexos".

O que há de tão aterrador para que homens e mulheres rejeitem o lado mulher da sexualidade? Uma das maiores críticas feitas à teoria freudiana era a sua referência ao falo como elemento de diferenciação sexual. Para ele, ambos, menino e menina possuiriam um só referencial, que é o masculino. A diferenciação sexual só ocorreria a partir da castração, vivenciada diversamente por um e outro sexo. Só na medida em que se afasta do falo, que não é o pênis, embora encontre nele seu avatar mais visível, a menina se debruçaria sobre sua falta (imaginariamente vivida como falta de um pênis) e encontraria o que há de específico em sua feminilidade. Freud se referia a uma insignia, vivida como um estigma, e que a mulher traria inscrito no seu corpo como o símbolo vivo de uma falta, que não é da mulher mas o próprio "manque-à-être" da condição humana.

Nisso os críticos se equivocaram, porque partiram de uma equivalência que nunca houve: falo = pênis. O não-ter da mulher, segundo Freud, se inscreve na ordem do simbólico, embora seja vivido no imaginário de não-ter um pênis. Desse equívoco surgiram teorias, como a de Ernest Jones, também impelidas pelos protestos feministas, e que tentavam resgatar, para a mulher, a sua inteireza. Diferentemente de Freud, esses autores estavam centrados numa referência ao órgão, ao genital, e não à referência simbólica ao falo.

Por isto se restringiam ao anatômico, propondo uma diferença sexual inata entre os dois sexos. Isto significa que, a partir de dados biológicos e anatômicos próprios a cada sexo, haveria uma diferença sexual imediatamente dada.

A partir deste texto de Carlos Augusto Nicéas, fica patente a necessidade de se ler Freud por inteiro, especialmente no que toca a questão da mulher — e é a parte fundamental da psicanálise — para que se possa acompanhar todo o percurso freudiano. Nos três tempos da sexualidade feminina, há que se apreender o sinal de "menos" que marca a mulher com o estigma de um desinvestimento erótico em seu clitoris. No tempo do gozo fálico, com o sinal de "igual" ela se iguala ao homem em seu erotismo. Mas é só quando encontra a erogeneidade própria do gozo vaginal, que é um gozo do falo e para além do falo, é que a mulher atinge o "a mais" que suplanta e assombra o homem. E quando ela se torna diferente do homem.

Historicamente o orgasmo feminino sempre esteve sob a jurisdição do homem, seja através do imperativo "você não deve" ou do atualíssimo "você deve gozar". A opressão continua vigorando, mas o ponto chave das reflexões da autora é que é justamente esse "a mais" do gozo da mulher o objeto da opressão feminina. E isto que é particularmente oprimido. Ou seja, a diferença.

E a partir desse ponto ela desenvolve uma interessantíssima explanação de como ocorre, estruturalmente, este processo, ou seja, de como se dá a figuração inconsciente de totalidade e de como a mulher escapa, pelo excesso, do gozo fálico masculino. E tudo isto tem a ver com o molde estrutural, que é a maneira pela qual os sexos apreendem simbolicamente sua anatomia. Do lado masculino, segundo a autora, haveria uma relação metafórica entre pênis e esperma. O gozo do homem culmina numa metafórica fechada. Do lado feminino haveria um deslizamento, sem relação com o todo. O gozo escorre, flui, deriva ao infinito de significante e significante. Isto é o que a autora chama de gozo em excesso. Um gozo metonímico.

Na seqüência, Renato Mezari apresenta um estudo sobre a inveja, a castração e o narcisismo, a partir dos "ecos de uma sessão" em que uma paciente se faz objeto de uma singular contra-transferência para o analista. Mais além da

polêmica tese freudiana da "inveja do pênis", a inveja foi aqui brilhantemente tratada pelo autor, que juntou considerações de filósofos, de psicanalistas e finalizou com palavras de uma escritora, Clarice Lispector, sobre a inveja. Que aliás, dá o título ao estudo: "O escuro dos olhos vacilou como um ouro."

Seria impossível delinear em poucas palavras a reflexão posta pelo autor. O que a mim particularmente tocou foi a ideia de inveja como um desejo de "reapropriação da onipotência perdida", por um lado, e por outro, também como um estado de intensa angústia, na qual o que é desejado é também temido porque a onipotência supõe uma anulação do intervalo, da diferença, das marcas da finitude e da castração. O objeto desejado, seja o seio, o pênis ou qualquer outro, funcionaria apenas como suporte da inveja, porque o que a inveja invejaria neles seria uma suposta capacidade de produzir um gozo infinito. Uma espécie de inundação de libido, onde sujeito e objeto se confundiriam no chamado "sentimento oceânico".

No último texto "A mulher fala" pela boca de Dinara G. Machado / Guimarães, numa linguagem clara e precisa, onde os caminhos da diferenciação sexual, via Freud e Lacan, vão sendo delineados. Através de toques especiais, a autora vai reconstruindo um corpo de mulher, enquanto resíduo de um destino que se quer real porque simbólico. Nisto vão se resolvendo as críticas feitas a Freud por certas leituras demasiadamente rápidas. "É como ser de linguagem que o sujeito se estrutura sexualmente". Não é o corpo nem o órgão definidores de coisa alguma: "o falo é o marco, em torno do qual se processa toda essa operação" que nos faz homens ou mulheres.

A autora "conclui o inconcluso" acenando para um desejo de humanização das relações a partir da "travessia do imaginário ao simbólico", fonte inesgotável de outras representações possíveis. Não é a isto que interpela, sem cessar, um desejo de feminização do mundo?

(1) *Primado do Falo e Castração Feminina*, de Carlos Augusto Nicéas in *O Feminino: Aproximações*.

Mani Alvares é professora e doutoranda em Filosofia na Universidade de Campinas e membro do SOS/Ação - Mulher.

Pró-Mulher: Feminismo na Comunidade

Lutando para conseguir novo financiamento e assim desenvolver novos projetos, uma entidade feminista sediada no bairro do Bexiga em São Paulo dá assistência multidirecionada à mulher e conta com o apoio de outras instituições da região para atender também à criança e à família.

PAULA MAGESTE

Diz o ditado, que quem vem de São Paulo e não conhece o Bixiga, bairro de tradição italiana, não sabe como a cidade é de fato. E é verdade: na frente, cantinas famosas; atrás, pessoas vivendo na maior miséria. Em compensação, este é um dos bairros mais unidos de São Paulo. Ao fazer esta afirmação, Lana Castro da Guia, integrante da área social do Pró-Mulher — também conhecido como Casa da Mulher de São Paulo —, pretendeu menos exemplificar os contrastes sociais de uma grande metrópole do que enfatizar o caráter comunitário das diversas entidades que funcionam no bairro do Bixiga, entre elas o próprio Pró-Mulher.

Fundada em 1977 por aproximadamente 25 feministas, com intenção de atuar na área ginecológica, a Casa da Mulher de São Paulo dispõe hoje de 22 profissionais, distribuídas em quatro campos de assistência à mulher: jurí-



Lilla

co, social, médico e psicológico. Segundo Lana, a escolha inicial de trabalhar especificamente a área de saúde se deu porque "90% das mulheres são leigas, não conhecem o próprio corpo".

Existindo legalmente desde 1982, o Pró-Mulher teve seu primeiro projeto financiado por uma instituição americana durante três anos e, de lá para cá, tem tentado sem sucesso receber ajuda de órgãos e instituições brasileiras. A esperança das integrantes do grupo, a curto prazo, é a aprovação de um projeto pela mesma instituição americana, o que possibilitaria o treinamento às mulheres da Casa, formando novas paramédicas que prestariam serviços de atendimento a trabalhadoras de

fábricas, em postos de saúde e diversas comunidades. "Queremos atender mil mulheres em seis meses", revela Lana.

Atendimento alternativo

Na área médica do Pró-Mulher, o atendimento é alternativo. Antes da consulta propriamente dita, a paciente comparece a três sessões, em que será informada sobre o procedimento adotado pela Casa através das médicas, psicólogas e sociólogas, que também conversarão com a mulher a respeito do corpo, da sexualidade e métodos contraceptivos.

A consulta tem duração de uma hora e não se restringe aos chamados aspectos físicos: uma das três médicas disponíveis atua também como psicóloga, conversando com a paciente para avaliar seu estado geral. Além do exame ginecológico, o Pró-Mulher possui recursos para a coleta do Papa Nicolau, colocação de Diu e diafragma e realização do teste de gravidez.

Se problemas mais sérios forem diagnosticados, a médica fornece uma guia para que os exames necessários sejam feitos. Normalizado o quadro clínico, a paciente pode voltar a ser atendida pelo grupo médico da Casa. Nos tratamentos mais simples, são usados medicamentos tradicionais, geralmente cedidos às pacientes, uma vez que o Pró-Mulher dispõe de uma pequena farmácia. A médio prazo, pretende-se implantar um sistema de consulta semelhante ao do Coletivo Feminista de Sexualidade e Saúde, com o treinamento de mulheres "leigas" para que estejam aptas a prestarem atendimento.

O pagamento das consultas, assim como de todos os serviços oferecidos pela Casa, é proporcional à renda familiar: "Quando não há condições, não se paga, o que ocorre em 75% dos casos", conta Lana. "Quanto às médicas, recebem apenas uma ajuda de custo por seu trabalho".

Acompanhamento processual e psicológico

O acompanhamento psicológico, que segue também o atendimento jurídico, é feito prioritariamente em grupos, distribuídos nas áreas de sexualidade, vivência e casais em separação. Além desse trabalho, que tem a duração mínima de um ano, as cinco psicólogas do Pró-Mulher dão palestras em creches, organizam grupos de adolescentes e visitam comunidades, reafirmando o relacionamento de intercâmbio com as outras entidades do bairro. A remuneração das profissionais vem

do Projeto CEAS, com a Secretaria de Promoção Social.

O departamento jurídico atua nas áreas criminal (espancamento, estupro) e familiar (separação, pensão) e estabelece um dia específico para as mulheres que o procuram pela primeira vez, quando o atendimento se dá em grupo. Uma advogada e duas psicólogas falam da entidade e esclarecem sobre os direitos de cada uma. Depois, as mulheres falam sobre seus problemas. Cumprida esta etapa, o atendimento é individualizado e, em caso de separação conjugal, a Casa manda uma carta para o companheiro ou marido em questão a fim de "ouvir o outro lado de história e tentar outro caminho que não a separação. O Pró-Mulher não quer ver ninguém separado; só se não tiver outro jeito", diz Lana. "De qualquer maneira, damos acompanhamento processual até o fim, o que é muito raro", continua.

As advogadas — três da área familiar e duas da criminal — são pagas através de um projeto desenvolvido junto à Secretaria da Justiça, mas as mulheres que procuram o departamento jurídico "dão uma contribuição que é revertida em condução, xerox e alimentação para elas mesmas".

Criança, família e moradia

O setor social do Pró-Mulher conta com uma coordenadora e duas estagiárias, entre elas Lana, também coordenadora da distribuição de leite para famílias carentes. "Trabalhamos principalmente com a problemática do bairro: corticos, despejos, a questão da moradia. Mas, nunca deixamos de lado a mulher; afinal, somos uma entidade feminista", ressalta.

De fato, a luta da Casa da Mulher de São Paulo neste setor não se restringe à "pregação do feminismo junto às mulheres das famílias que atendemos, quando alertamos para o trabalho, a relação com o companheiro e a concepção", mas entra no campo da construção de creches e melhorias para o bairro do Bixiga.

"Estamos preocupadas com a família e a criança, damos palestras e fazemos visitas. Estamos cadastradas para distribuir leite a cem famílias e fazemos um trabalho com elas, que engloba todas as áreas do Pró-Mulher", conta Lana.

Segundo ela, a proposta da Casa é "orientar instituições para que este tipo de atendimento se multiplique. Temos também um projeto de montar um mini-laboratório e, se a instituição americana liberar verbas, pretendemos dar atendimento médico todos os dias".

**BASTA DE VIOLÊNCIA
CONTRA A MULHER**
CONSELHO MUNICIPAL DOS DIREITOS DA MULHER.

NATAL - RN

Domitila Barrios Chungara:

Aos 51 anos, cansada, mas com muita disposição de lutar contra as injustiças sociais na Bolívia, a dona-de-casa Domitila Barrios Chungara esteve em São Paulo, no final de setembro, para participar de debates em associações e sindicatos de classe. Domitila, conhecida internacionalmente pela publicação do livro **Se me deixam falar**, continua com o mesmo espírito de luta e denúncias que a levaram a representar as mulheres latinas na **Tribuna do Ano Internacional da Mulher** realizada no México em 75. Domitila viveu exilada na Suécia, onde recebeu o prêmio Dr. Bruno Kreisky como defensora dos direitos humanos.

muito para falar

JOSE ROBERTO MELLO

MULHERIO: Quanto tempo a senhora permaneceu no exílio?

DOMITILA: Durante dois anos, de 1980 a 1982.

MULHERIO: Como a senhora vê a situação da Bolívia hoje?

DOMITILA: Em comparação aos governos anteriores, pior. Porque este governo está completamente atrelado ao Fundo Monetário Internacional (FMI). O governo do presidente Paz Estenssoro está mais preocupado em atender as exigências do FMI, transformando as minas de estanho, de estatais em privadas. Dessa forma ele consegue aumentar o número de desempregados no país. Sua intenção é tirar do povo boliviano seu direito ao trabalho, enfraquecendo a força sindical. Sem trabalho, o mineiro deixa de fazer resistência ao governo. Além das pres-

soras conseguiu controlar a inflação do país, que era uma das maiores do mundo e que o povo está satisfeito com isso. Ele ainda está controlando o tráfico de drogas. Até que ponto isso tudo é verdade?

DOMITILA: Isso é propaganda. A grande imprensa e os veículos de comunicação estão nas mãos do governo. Por isso essa imagem é passada para os outros países. Na verdade, o governo desempregou mais de 100 mil trabalhadores das minas que eram estatais e reduziu seus custos, cedendo mais uma vez a exigências do FMI. O que ele fez também, foi ter tirado do nosso dinheiro seis zeros. O trabalhador, antes da reforma dos zeros, ganhava de 40 a 80 milhões de pesos - éramos todos milionários -, em números. O governo conseguiu apenas nos tirar os zeros. Quanto à questão das drogas, isso também é uma manobra

a econômica, o que diferencia esse governo dos outros.

MULHERIO: Então não há democracia no país?

DOMITILA: Nós dizemos que há uma democracia para a burguesia, que priva o trabalhador de trabalhar, que priva as crianças de frequentar uma escola, que priva as famílias de terem casas, que priva o trabalhador de se organizar. Isto tudo ele faz para atender as exigências do FMI e tira tudo do trabalhador e não da burguesia, que o colocou no poder.

MULHERIO: Como a senhora vê o futuro da Bolívia?

DOMITILA: Na Bolívia nunca se sabe. Como pode se dizer, hoje temos um governo um pouco democrático, amanhã podemos ter uma ditadura militar.

MULHERIO: A senhora acredita numa revolução socialista na Bolívia hoje?

tem onde deixá-los.

MULHERIO: E os partidos de esquerda na Bolívia, têm atuado?

DOMITILA: Há muitos partidos de esquerda na Bolívia que fazem muitos acordos com o governo. Eles fazem uma espécie de conciliação com Paz Estenssoro. Quando os movimentos populares, ligados a eles, estão fortes os esquerdistas partidários se coligam com o governo.

MULHERIO: Haveria alguma coisa que a senhora gostaria de acrescentar?

DOMITILA: Sim, acho que gostaria de dizer que é muito importante que nós, os povos sul-americanos, tenhamos uma maior união em defesa de nossos direitos. Penso que os povos têm de se unir contra as campanhas difamatórias que os países desenvolvidos fazem pa-



sões do FMI o governo está mantendo no país 5 mil famílias de chineses, pagando-as em dólares. O governo de Estenssoro está mais preocupado em proteger a burguesia e introduzir uma tecnologia avançada, do que defender as necessidades básicas do trabalhador. E o que mais agrava a situação da Bolívia hoje é o desemprego. Estenssoro quer, ainda como exigência do FMI, controlar a natalidade, num país onde a população é de apenas 6 milhões.

MULHERIO: Pelas informações que nos chegam, o presidente Paz Estens-

para os outros povos pensarem que somos todos traficantes.

MULHERIO: Em *Se me deixam falar* a senhora diz que os trabalhadores na década de 60 estavam organizados. E hoje, como estão?

DOMITILA: Antes os trabalhadores estavam mais organizados. Hoje, com o desemprego, o trabalhador fica desmotivado, mas há ainda centrais sindicais e sindicatos organizados. Alguns sindicatos têm o controle de emissoras de rádio. Essa é a única forma de passar à população a verdadeira situação econômica, do país. Hoje a repressão é

DOMITILA: Claro, o povo busca sempre uma melhoria social. E a solução para o país agora seria um programa social, um programa sério de governo em benefício do povo.

MULHERIO: E a situação da mulher no país, continua a mesma?

DOMITILA: Creio que a mulher está mais afastada dos movimentos populares. Ela tem seus afazeres em casa e ainda ajuda o marido, que tem um salário muito baixo. A mulher tem ainda de ficar com seus filhos porque não

ra trazer a discórdia entre nós. Os Estados Unidos conseguem gerar a guerra na Nicarágua, colocando o povo contra ele próprio. Nós, os bolivianos, somos considerados narcotraficantes, por uma política difamatória. Somos trabalhadores. Também nos classificam de índios, como se não tivéssemos consciência nem direitos. Penso que não deva haver fronteiras entre os povos da América Latina para que preservemos nossos costumes e nossas características.

José Roberto Mello é jornalista em São Paulo

Instalado o Conselho da Mulher no Rio de Janeiro

No último dia 16 de outubro tomou posse no salão nobre do Palácio Guanabara, o Conselho Estadual dos Direitos da Mulher do Rio de Janeiro. Um rico colorido feminino dava tom, em contraste com a habitual sisedade dos atos oficiais, reforçado pela presença de muitas crianças, filhos das conselheiras.

Presentes: o governador Moreira Franco, sua mulher Celine e todo o secretariado carioca. O Conselho era uma promessa que o governador fez durante sua campanha eleitoral, finalmente cumprida. Prêstigiaram o ato, as deputadas federais Benedita da Silva (PT-RJ) e Ana Maria Rattes (PMDB-RJ), as deputadas estaduais Lucia Arruda (PT), Jandira Feghali (PC do B) e Daisi Lucidi (PDT), a presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Jacqueline Pitanguy, e a presidenta do Conselho Estadual da Mulher de São Paulo, Zuleika Alambert.

Após a chamada, assinaram a ata a presidenta do novo conselho, Branca Moreira Alves, e as 21 conselheiras com mandato de dois anos: Conceição Aparecida Cassiano Torres, Vera Maria Luciano, Talita do Carmo Tudor, Josefá Paulina da Silva, Maria Angela Carvalho Muniz, Romy Medeiros, Maria Aguiar, Sonia Fernandes, Belisa Ribeiro de Oliveira, Neuma Aguiar. E com mandato de um ano: Pedrina de Deus, Georgina de Queiroz dos Santos, Abigail da Cunha Braga, Angela Borba, Moema Toscano, Kate Lira, Ana Batista, Clara Maria Oliveira, Maria Helena Leite Carvalho, Glória Márcia Percinotto; membros suplentes: Fanny Tabak, Maria de Lourdes

Garcia de Andrade, Maria do Espírito Santo Cardoso dos Santos.

Branca Moreira Alves iniciou os discursos de praxe, relembrando algumas feministas históricas como Bertha Lutz, que lutou pelo direito ao voto feminino conseguido em 1932, e exaltando a atuação das Mães da Praça de Maio, na Argentina, em favor da democracia.

Terminou pedindo uma salva de palmas para Carmen da Silva e Zuzu Angel, duas grandes figuras femininas da maior importância na história recente do nosso País. Depois de Branca, falaram Jacqueline Pitanguy, saudando a criação do novo Conselho, e o Secretário de Governo Jorge Gama, dando as boas vindas às novas conselheiras, em nome do governador.

Segundo Branca, uma das primeiras providências do Conselho será o aumento do número de delegacias especializadas no atendimento à mulher, além de reivindicar urgência no concurso público para delegada, já que só existe uma em todo o Estado. Além da violência, a saúde, a educação, o trabalho e a criação de creches serão assuntos em pauta no planejamento do Conselho para o próximo ano. No entanto, a verba vai ter de esperar até o ano que vem, quando deverá ser aprovada pela Assembléia Legislativa.

O Conselho ficará vinculada à Secretaria de Governo do Estado, funcionando na Coordenadoria de Desenvolvimento Social, Rua Pinheiro Machado, 39.

Madalena Guilhon
(colaboradora do *Mulherio* no Rio de Janeiro)

Fora, homossexuais. Diz Jânio

Em memorando publicado no *Diário Oficial* do dia 21 de outubro, o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, proibiu a entrada de homossexuais nas dependências da Prefeitura e da Escola Municipal de Bailados. A alegação dada pelo prefeito foi a de que não reconhece a existência de um "terceiro sexo" e que trata-se de uma "moléstia". A atitude desencadeou uma série de protestos por parte de grupos como o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (Gapa) e o Movimento para Livre Orientação Sexual (Lambada) que moveu, juntamente com outras entidades representantes dos homossexuais, uma ação na justiça contra o prefeito e está orientando os alunos e professores da Escola de Bailados a entrarem com um mandato de segurança para garantir a participação nas aulas.

A decisão do prefeito teria sido provocada por uma crise administrativa da Escola, que vinha enfrentando nos últimos cinco meses uma indisposição entre a direção do estabelecimento e alguns professores. O memorando dirigido ao secretário municipal da Cultura, Renato Ferrari, não especificava os meios a serem usados tanto pelo prefeito quanto por seus funcionários para distinguir os homossexuais dos heterossexuais. No entanto, no dia de sua divulgação, policiais da Guarda Municipal permanecem nos locais próximos à Escola, acarretando uma pequena manifestação por parte de alguns alunos em frente ao estabelecimento.

Segundo o chefe do gabinete do secretário da Cultura, Emílio Júlia Nelli, "não cabe a Secretaria da Cultura avaliar a atitude do prefeito e definir os meios para fazer valer sua decisão. O fato é que a Escola de Bailados está vinculada à Secretaria, mas apenas a diretoria responsável pelo estabelecimento tomará as precauções cabíveis". "Isto é uma atitude insana. As pessoas de direita parecem ter

horror à sexualidade", diz a vereadora Ireda Cardoso (PT). O prefeito já encaminhou à procuradoria-geral da Justiça uma representação para se apurar as críticas feitas por ela, que o teria chamado de "homossexual reprimido". No entanto, Ireda não se abalou com esta ação: "Este é o sexto processo que

sofro. Na verdade, isto é comum entre as pessoas que falam a verdade e nunca fui tão perseguida como agora. Não só vou desconsiderar a atitude do prefeito como vou pedir a intervenção do Estado no Município porque ele feriu a Constituição no artigo referente à proteção dos direitos humanos".



Chernobyl brasileira

Mais de duzentas pessoas contaminadas e com a probabilidade de não ultrapassarem os cinco anos de vida. Este é o saldo do primeiro acidente radioativo ocorrido do Brasil, no dia 23 de setembro, que em poucos dias já fazia suas duas primeiras vítimas fatais: Maria Gabriela Ferreira e Leide das Neves. Ambas moravam em Goiânia, em uma região próxima a um prédio abandonado onde funcionava um aparelho de radioterapia, na qual existia uma bomba de céso — 137. Devair Ferreira, casado com Maria Gabriela e proprietário de um ferro velho, desconhecendo o perigo existente na manipulação incorreta do material radioativo, acabou contami-

nando amigos e vizinhos. O resultado não poderia ser mais catastrófico. Sua mulher Maria Gabriela e a sobrinha Leide, sofreram as consequências: queimaduras, hemorragias e queda de cabelo.

Inconformados, parentes de Maria Gabriela e Leide protestaram contra a falta de informação por parte das autoridades a respeito das providências tomadas no tratamento das vítimas. Enquanto isso, um grupo de moradores próximos ao cemitério Parque, na periferia de Goiânia faziam passeata na tentativa de impedir que os corpos contaminados de Maria Gabriela e Leide fossem enterrados na região.

Projeto Sexualidade com Prazer

Comunicado:

1 — A Coordenação comunica que no o IX Encontro Nacional Feminista, extrairam-se 4 originais da Cartilha *Feminismo — Uma Questão de Esclarecimento*, de autoria da Psicóloga Theresza Ferraz.

2 — Este material foi usado também na oficina sexualidade, educação e saúde mental da mulher, e o grupo que tomou conhecimento de seu conteúdo elaborou um abaixo-assinado (59 assinaturas) a ser encaminhado ao Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, solicitando sua edição e distribuição em prol da luta feminista.

ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?

Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI
SUA ETIQUETA DE
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço _____
Bairro _____ CEP _____
Cidade _____ Est. _____

ASSINATURA DO MULHERIO

Nome Completo: _____
Endereço: _____
Cep: _____ Cidade _____ Est. _____
Data Nascimento _____ Sexo _____ DDD: _____
Telefone: _____ Profissão: _____

VÁLIDO ATÉ 30.11.87

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal Cz\$ 300,00 - América Latina US\$ 18,00 — Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

Vacina contra a gravidez

Já é possível pensar em uma vacina antigravidéz para seres humanos. Na verdade, testes com animais têm sido feitos desde 73, quando o cientista indiano Pran Dawar, diretor-presidente do Instituto de Imunologia da Universidade de Nehru, Nova Deli, conjugou um componente do hormônio gonadotrofina com um antígeno tetânico, na tentativa de impedir a fixação do óvulo fecundado no útero. Hoje, a vacina está sendo testada em um grupo de mulheres na China para avaliar o poder de atuação da nova composição química da vacina criada a partir do protótipo de Pran Dawar.

Aqui no Brasil, testes semelhantes aos que foram realizados na Índia e na Austrália, no início da década de 80, foram feitos em 79 com ani-

mais e sob a coordenação do professor da Universidade Federal da Bahia, Elsimar Coutinho. Segundo o professor, que pretende acompanhar os novos testes com a vacina na China, a vacina não apresenta riscos para a saúde da mulher, uma vez que o antígeno (substância que provoca reação do sistema imunológico) existente em sua composição química não agride os tecidos. A gonadotrofina coriônica (HCG) é um hormônio produzido pelo organismo da mulher apenas na gravidez e é responsável pela criação de um ambiente propício à implantação do óvulo fecundado, no útero. A vacina inibe a produção deste hormônio através do antígeno impossibilitando, portanto, a gravidez.

Elsimar afirma ainda que a atual composição da vacina

exige que se faça três aplicações, na forma de uma injeção via intramuscular, com intervalos de um mês. Após esta fase, a mulher deverá se submeter a uma dose de reforço seis meses após a última aplicação e sua validade será de um ano. No caso da mulher desejar manter o tratamento, deverá repetir uma nova dose de reforço de seis em seis meses.

Atualmente, além da Austrália, Índia e China existem outros países interessados em difundir esta técnica, a exemplo dos Estados Unidos, Quênia, México, Áustria, Tailândia e Cuba. De acordo com o professor Elsimar, a grande preocupação dos cientistas no momento é o aumento da duração do efeito da vacina, que ainda está em fase de pesquisas.

Shere Hite volta a atacar

Hoje, cerca de 88% das mulheres norte-americanas estão insatisfeitas com seus relacionamentos amorosos. Isto é o que revela o mais recente relatório sobre sexualidade feminina realizado pela pesquisadora Shere Hite, autora de dois outros livros sobre o mesmo tema: o primeiro publicado em 76, **O Relatório Hite: Um Estado Nacional da Sexualidade Feminina** e o outro, editado em 81, **O Relatório Hite sobre a Sexualidade Masculina**.

Esta última pesquisa da série, reunida em um livro de 923 páginas, chamado **As Mulheres e o Amor**, baseia-se em respostas de 4.500 mulheres entre os 14 e 85 anos obtidas através de um amplo

questionário anônimo enviado aos mais diversos grupos de mulheres americanas, desde 1980. Os dados obtidos revelam que apenas 13% das mulheres casadas há dois anos ou mais afirmaram ser apaixonadas por seus maridos, enquanto que as 82% restantes amam seus companheiros como amigos, sem paixão. Nas entrevistas realizadas com mulheres casadas há cinco anos ou mais, as respostas afirmam que 70% delas admitiram ter relações sexuais extraconjugais. Além disso, 89% das separadas ou divorciadas sentem-se menos solitárias do que quando estavam casadas e 76% disseram que queriam confiar em seus homens, mas seu comportamento as deixava inseguras.

Na opinião do psicoterapeuta do Instituto H. Ellis, Moacir Costa, bem como da feminista Rose Marie Muraro os resultados obtidos na pesquisa feita por Shere Hite estão próximos da realidade brasileira, mas sem validade científica, uma vez que se baseia apenas nas respostas das mulheres que se dispuseram a responder o questionário. Rose Marie fez uma abordagem sobre sexualidade feminina em 83 e, através das respostas de mil mulheres e trezentos homens concluiu que 40% das brasileiras entrevistadas estavam insatisfeitas com o casamento.



uma mulher fazer coisas encontre força na sua relação com o desejo e com o querer de outras mulheres. Não neguemos os conflitos, as contradições e as diferenças. Sejamos capazes de estabelecer regras no jogo do feminismo, buscando um pacto entre nós que nos permita avançar na realização de nossa utopia."

(publicado em El País)

Os mitos do feminismo surgem no encontro do México

Ao concluir os trabalhos do 4º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, realizado no México, em outubro, um grupo de dez feministas, formado por Aydee Virgine (Argentina); Celeste Cambria, Fresia Carrasco, Viviana Erazo, Martha Lamas, Margarita Pisano, Adriana Santacruz (Chile); Estela Suárez (México); Virginia Vargas e Victoria Villanueva (Peru) divulgaram um documento, no qual apontam que o feminismo possui muitos mitos que têm impedido o movimento de avançar. Na conclusão, enfatizam: "É necessário assumi-los, enfrentá-los e continuar."

Para as dez feministas, os mitos têm gerado frustração, autocomplacência, desgaste, ineficiência e confusão no movimento. Entre os mais comuns, estão: para as feministas não interessa o poder, fazemos política de outra maneira, todas somos iguais, existe uma unidade natural

pelo fato de sermos mulheres, o feminismo só existe como uma política de mulheres para mulheres, o pequeno grupo é o movimento, os espaços de mulheres garantem por si só um processo positivo, o privado é automaticamente político, o consenso é democracia.

Estes mitos estão presentes, segundo o documento, na imensa maioria dos grupos de mulheres que possuem uma linha feminista na América Latina. Esse fator está determinando a estagnação e incapacidade para afrontar o que tem se chamado de a nova face do movimento feminista. O aval das participantes nesta análise, significa na opinião de representantes de diferentes países, a possibilidade de um avanço, principalmente depois do anúncio da criação de uma rede feminista na América Central.

O documento finaliza: "Queremos que o desejo de

ARTEDELA
galeria de arte e molduras

Linha completa de molduras em madeira, laca, alumínio, ouro envelhecido, prata etc. Somos o maior acervo de gravuras de S.Paulo. Tozzi, Volpi, Tomie, Grassmann, Tarsila, Rugendas, Wesley Duke Lee, Antunes, Renina, Fayga, Mabe, Charoux, Burt Marx fazem parte da nossa coleção.
R. Artur de Azevedo, 2102 — Fone: 815.7786 — Pinheiros — S.Paulo

Marcos César Veçoso

Fisioterapia Clínica e Laser Terapia
Crecito: 3-5540-F
Al. dos Guararâmes, 249
Indianópolis — S.Paulo — SP
Fones: 61.9890, 61.6820 e 61.0495

O que você está querendo dizer?
Seja mais clara(o)...
ou chame-nos
A gente redige,
traduz e revisa seu texto

Redação Tradução Revisão Copidesque
pro-texto
Tel. 815-3645

22
Mulherio
Nov. 87

VIVA A AMÉRICA LATINA.

Viva as belezas naturais, o povo e a cultura dos países latinoamericanos. Roteiros para Cuba, Nicarágua,

México, Peru, Colômbia, Chile, Bolívia, Uruguai, Argentina etc. Participe dos congressos de 1988

do Palácio das Convenções de Havana. Solicite nosso programa de eventos.

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU A

Porto da Barra
TURISMO LTDA

EMB. 008590041-8
IATA 57561663

REPRESENTANTE OFICIAL DO PALÁCIO DAS CONVENÇÕES DE HAVANA - CUBA
RUA JOÃO PONDÉ, 43 - LOJA - CEP. 40.130 - SALVADOR - BAHIA - TEL. (071) 235-1499 - TELEX (071) 2587

ANOS 80:

Elas são muitas e pouco têm em comum, a não ser terem entrado na idade adulta durante a segunda metade dos anos 70, quando contestar o que então chamavam "o sistema" era quase obrigatório. Participaram, mesmo que platonicamente, dos movimentos políticos ou contraculturais da época.

Liam a imprensa alternativa, utilizavam arroz integral e açúcar mascavo e preferiam estar bem consigo mesmas a lutar pelo sucesso. Achavam os tecnocratas horríveis. Vestiam-se com longas saias ou apertados blue-jeans. E acampavam sempre que podiam. Os anos 80, com seu marasmo e cinismo algo desesperançado, apanhou-as um pouco de surpresa, mas elas acabaram se acostumando. Enquanto isso, casaram, descasaram e tiveram filhos.

Roberto Emilio Neme



Como nossas mães

ALBERTO MAWAKDIYE

Se algumas assumiram sem grandes problemas o conservadorismo dos anos 80, outras continuaram mais ou menos fiéis às idéias da primeira juventude. Claro, estão mais assentadas. Se não podem fazer muito — a política já não interessa a quase ninguém, a contracultura soa muito desgastada, — tentam ao menos exercer o seu catecismo no único espaço que restou: o do relacionamento pessoal. E, no amplo leque de relacionamento, a relação com os filhos talvez seja a que conduzam de forma mais alternativa. Afinal, boa parte delas começou a olhar a vida com olhos diferentes a partir da constatação de que o mundo de papai-e-mamãe era um mar de rosas que já não dava pé. Não teria sentido reproduzi-lo. A maternidade tornou-se, por assim dizer, o espaço privilegiado para a crítica.

Porém, com ameaças por todos os lados. O antes sagrado totem do anti-autoritarismo tem sido, por exemplo, bastante arranhado. "A liberdade é uma coisa bastante complicada", diz hoje a jornalista Leonor Wanderley, ex-participante da tribo. "Por excesso de liberalidade, acabei sofrendo demais com a minha primeira filha. Quando Isabela aprendeu a dizer não, quase pi-rei". Leonor conta que, para ela, educar era sinônimo de deixar viver — mas jamais imaginou que Isabela, que agora tem 7 anos, pudesse exercer sua liberdade contra os seus critérios que, embora libertários, nem sempre acaba-

vam transmitidos. A uma certa altura o diálogo desapareceu totalmente. Ela debita este erro à sua inexperiência. "A gente não quer seguir os padrões, mas a verdade é que na "hora h" não sabe o que fazer", reconhece. Para colocar freios à incorrigível independência de Isabela — que, sublinhe-se, foi uma das primeiras brasileiras a nascer de um parto de cócoras — Leonor hoje impõe certos limites. Não deixa Isabela fazer tudo o que quer, mas tão pouco a reprime desnecessariamente. Explicitando seus valores, encontrou um ponto comum para o diálogo.

Contra ou a favor das regras?

A mesma falta de sintonia afetou a funcionária do Banco do Brasil Alice Raskin e sua filha Lisa, que hoje tem 9 anos. A ponto de ambas estarem, hoje, na terapia. Lisa, naturalmente, em um ludoterapeuta. "Aprendi que as crianças se perdem quando não estabelecemos regras", ela também reconhece, sem evitar um certo tom amargo. "É uma ironia. Em toda a minha vida fui contra as regras, mas estava perdendo minha filha justamente por não estabelecê-las". Como Leonor, Alice hoje trabalha com certos limites, dizendo a Lisa como ela deve se comportar ao mesmo tempo em que incute-lhe o necessário espírito crítico sobre todos os assuntos. "Fixo horários, mas discuto o porquê", resume.

Evidentemente, o exercício da liberdade não é a única questão para essas

jovens mães. A luta que desencadearam por comportamentos mais saudáveis — e que mantêm em diferentes graus — vem sendo obviamente levada aos filhos. Igualmente com alguns problemas. "O apelo do consumismo é muito grande, a gente tem que aprender a conviver com ele", avalia a psicóloga e astróloga Delmar Franco Turatto, que tem dois filhos, um de 6 e outro de 2 anos. "Se querem ir ao McDonald's eu os levo. Mas como a alimentação em casa é naturalista, eles acabam comparando, felizmente para prejuízo do McDonald's". É a mesma postura de Ieda Uehara que, atualmente, se dedica à jardinagem e à promoção de eventos culturais. "Marina está na idade de ver TV, já tem 5 anos, e isto é um problema porque desperta apetites consumistas", admite. "Tento contrabalançar levando-a bastante para passear e ensinando-a a amar o animais, a natureza". Quando Ieda leva Marina à escola, que fica perto da avenida Cerro Corá, na Lapa, em São Paulo, tenta mostrar-lhe a verdadeira topografia da cidade. "Mostro, por exemplo, que a ladeira onde passam tantos carros é originalmente uma colina", explica. "A cidade é muito desprovida de natureza, mas ela tem de pintar nem que seja na imaginação. É uma boa maneira de impedir que a máquina nos devore".

Uma queixa generalizada dessas mães, aliás, é a falta de alternativas culturais e de lazer que completam o seu trabalho de educação. "As escolas alternativas são muito caras e nem sempre tão boas" dispara a jornalista

Leonor Wanderley. "E as peças infantis são quase sempre um droga, há na verdade poucas opções de lazer". A psicóloga Delmar Turatto contorna a dificuldade transformando seus filhos em pequenos artistas — o teatrinho e o desenho com lápis de cor chegam mesmo a dar mais íbobe, em sua casa, do que a TV Globo. "Crianças adoram mexer com água, eu transformei isso numa brincadeira", conta, satisfeita. Para ela, a educação baseada no lúdico e em uma alimentação o máximo possível natural estão fazendo com que seus filhos cresçam com um grau de agressividade insignificante.

Mas todo este esforço será suficiente para criar pessoas gentis, de espírito crítico e não consumistas? A professora Roseleine da Silva Camargo, mãe de um bebê de 5 meses, acredita que não — apesar de ter opiniões desfavoráveis sobre o universo contraído e massificado da sociedade burguesa, e cultivar valores bem distintos. "Eles é quem vão decidir que rumo darão à própria vida", diz com ar realista. "O máximo que podemos fazer é conversar". Alice Raskin não pensa desta forma. "Acho que a influência da casa é mais forte do que tudo", opina. "As crianças, se bem direcionadas, vão sempre levar em conta o que aprenderam com a gente". Com quem está a razão, o tempo dirá.

Alberto Mawakdiye é jornalista em São Paulo

